AVEIRO, 19 DE OUTUBRO DE 1968 ✶ ANO XV ✶ N.º 728

Director e Editor — David Cristo ✶ Administrador Alfredo da Costa Santos ✶ Proprietários — David Cristo e Francisco Santos ✶ Redacção, Administração, Composição e Impressão na Tipografia «A Lusitânia», Rua do Sargento Clemente de Morais, 12 — Telefone 23886 — AVEIRO

Aumento do tráfego 600 %! nalgumas zonas do concelho

O PROBLEMA VIÁRIO

É consabido que muitos são os factores conducentes ao acréscimo de tráfego em pontos determinados da rede viária — e por vezes sucede que o engrossamento do trânsito em certas zonas é consequente duma diminuição noutras zonas, estas minimizadas no movimento ou simplesmente desprezadas por motivos de ocasionais conveniências. Mas, no concelho de Aveiro, o factor 6 de aumento — aqui e além registado na década de 1955-65 — não resulta de diminuições nas restantes vias aveirenses; antes, e duma maneira geral, os caminhos locais tendem à insuficiência — muitos deles à insustentável saturação.

ENCONTROS PROVEITOSOS

Na pretérita sexta-feira, 1 do corrente, pelas 22 horas, na sala das sessões da C. M. A., os representantes da Imprensa local e diária, para o efeito expressamente convidados, reuniram com o Presidente do Município. Presente, também, o Arq.º José Semide, do Gabinete de Urbanização.

O sr. Dr. Artur Alves Moreira, depois de saudar os convidados e de agradecer a sua presença, disse que aquele contacto directo com os representantes dos órgãos de informação — o primeiro, naquela forma, duma série, que está no seu desejo levar a efeito — o tinha por preferível, não só à concessão unilateral e necessàriamente muito incompleta de notícias camarárias, mas ainda ao sistema de entrevistas, que por diversas vezes lhe foram solicitadas: a troca de impressões em conjunto — acentuou — evita escusadas repetições, responde a todas as perguntas, esclarece todas as dúvidas e pode satisfazer simultâneamente todos os órgãos noticiosos, que porfiam, aliás muito louvàvelmente, em esclarecer o público, naturalmente interessado no conhecimento dos problemas da administração.

Anunciou que, em cada sessão, apenas será abordado um tema. Naquela noite o tema seria

ACESSOS À CIDADE

Trata-se de um problema liminar e da mais urgente solução — mas problema altamente complexo: por um lado, equaciona-se e terá de resolver-se em diversas e desniveladas jurisdições; por outro lado, é passível dos mais variados — e, por vezes, inesperados — condicionalismos. Os interesses viários concelhios não podem dissociar-se das soluções — realizadas, preco-

Continua na última página

DEDICATÓRIA

CAROLINA HOMEM CHRISTO ● ● ●

HÁ quantos anos não ouvia um relógio dar horas dentro de casa! É a coisa mais banal do mundo, bem sei, mas... a verdade é que me causou uma sensação de prazer... de intimidade familiar de que gosto sempre de me sentir rodeada.

Há tantos anos!

O meu pai adorava os relógios. Em casa dele havia-os por todos os lados. Cada qual dava as horas em seu tom, e de formas diferentes. Uns de timbre mais fino... outros mais grave. Desde o precipitado cuco que deitava a cabeça de fora a cada badalada, ao majestoso e cantante carrilhão, havia de tudo. Mas há muito tempo que essas vozes se calaram nas casas em que fui criada e frequentei. Passaram de moda — pelo menos em Lisboa — e fui agradàvelmente surpreendida quando a meio da noite do último sábado ouvi bater novamente as horas no tradicional relógio caseiro da residência de uns amigos do Norte com quem fui passar este fim de semana (por sinal um bocado azarento: imaginem que parti um dente, uns óculos, e perdi um brinco! Nada menos!).

Estão a pensar que bati com a cara em qualquer parte. Não foi tanto, felizmente. O dente não sei como foi. A certa altura, a meio do primeiro almoço, senti qualquer diferença ao mastigar. Fui ver e na verdade faltava-me cerca de metade de um dente da frente. Deve ter sido uma dessas torradinhas também tradicionais em certas casas que fazem as minhas delícias com o chá da manhã, a causadora do desastre. Uma maçada!

Os óculos, também não atino com o que se passou com eles. Tinha-os na carteira dentro do respectivo estojo... (trago sempre uns de ver ao longe e outros para ler) e quando lhes fui a pegar estava um

Continua na página três

SALAZAR

Junto do leito do Senhor Professor Oliveira Salazar continua a permanente e desvelada atenção daqueles a quem se confiaram os cuidados devidos ao ilustre enfermo.

Todos os dias o grande público procura inteirar-se, através dos boletins clínicos, largamente divulgados, da evolução da doença do antigo Chefe do Governo.

A hora em que escrevemos esta nota, continua reservado o prognóstico — como sempre tem acontecido desde a segunda e mais grave crise que acometeu o Senhor Doutor Oliveira Salazar.

Entretanto, numerosas pessoas, de todas as condições sociais, designadamente altas individualidades portuguesas e estrangeiras, têm desfilado pela Casa de Saúde da Cruz Vermelha Portuguesa.

Cada cabeça... sua sentença

COORDENAÇÃO DE JÚLIO HENRIQUES

A NOSSA MÚSICA POPULAR

COM o incentivo de Pinto da Costa, que esta semana precisou de respirar, e apanhados por um acontecimento inédito (o aparecimento do aveirense Dr. José Afonso em 1.º lugar no **famosíssimo** concurso de «Rei da Rádio») e porque o facto pressupõe uma notável mudança de mentalidade dos e das votantes, em geral leitores das económicamente progressivas «Plateia» e «Crónica Feminina», até aqui só interessados em levar ao trono personalidades incipientes e vazias, pusemo-nos em campo para **arrancar** de diversas pessoas opiniões sobre a canção e a música populares nacionais.

Pelas respostas colhidas, obtivemos a certeza de que a m. p. p., tal como comummente existe (exemplo: assistir-se a uma final para um concurso da Eurovisão), é apenas um narcótico entorpecedor dos que ingènuamente a acreditam, uma repetição popularuncha de frases e musiquetas deslocadas no tempo, que só por graça dos deuses da **guita** (e do nosso analfabetis-

Continua na página três

— Então, Zé, que dizes tu?
— Nada, Senhor Presidente, inda tenho a língua perra...

Desenho de A. TORRES

PARA UM DIÁLOGO VIVO

JORGE SARABANDO MOREIRA

E de súbito a janela abriu-se.

E as plantas que estuíam na penumbra, reverdeceram, e os longos cabelos deliquiscentes, vibraram, e os dedos despertados, no espaço estremeceram; os gestos faiscaram. E o tempo, sacudido...

Qualquer coisa se modificou, leitores, quebrado este muro de falso silêncio que nos separava, a nós, jovens empenhados, comprometidos. Responsáveis.

O diálogo despontou, encheu-nos o peito, gritou-nos na cabeça — e salte à praça quem teime em estrangulá-lo.

As palavras de Artur Fino no «Litoral» de 7 de Setembro — «Significa, isso sim, a entrada em franco diálogo, aberto, sincero. Sem pretensões de infalibilidade» — surgem-nos como um desafio, corajoso desafio, de quem não se ilude da sua responsabilidade de estar no mundo, de quem não descura a atenção pelos problemas do lugar onde vive, da gente com quem comunica — permitindo, assim, adivinhar e supor aqueles que envolvem a sociedade em que nos inserimos, fora das portas dum regionalismo balofo e míope.

É que a questão, claramente, é esta: a propriedade dos meios de produção encontra-se nas mãos duma minoria que, para manter a sua posição de predominância, necessita de escravizar a maioria que a serve e se lhe opõe. As formas de exploração que utiliza, que vão desde o subtil e o hipócrita ao repugnante e insultuoso, tendem a alienar as classes socialmente submetidas, corropendo ou eliminando o espírito criador e apagando qualquer chama de contestação.

> SE EU NÃO ARDO
> SE TU NÃO ARDES
> SE NÓS NÃO ARDEMOS
> COMO É QUE DAS TREVAS
> FAREMOS
> CLARIDADE ?
>
> Nazim Hikmet

Resulta daqui, que a cultura numa sociedade deste tipo se encontra jugulada tanto pelas preferências de um público fácil como pelas imposições, mais ou menos disfarçadas, da classe preponderante. Decorrem, pois, da tomada de consciência desta diálise, duas tarefas primordiais: educar o público e denunciar a situação opressiva. Exige-se que definamos uma atitude. E, entre os caminhos que se nos propõem, avultam dois: o que nega tudo isto e o que ilude a bivalência da opção. Daqui, devotarmo-nos inteiramente a uma das tarefas com a intenção de resolver ambas; ou dedicarmo-nos às duas em conjunto com a pretensão de as harmonizar, eclèticamente. Sendo soluções, são erradas. O que Alberto Ferreira diz no «Diário de Édipo» aplica-se aqui: «...a coerência é algo que inventamos para sossegar

Continua na página cinco

O TEATRO E AS MASSAS

«SEM CULTURA O HOMEM É UM VASSALO, NÃO É UM CIDADÃO» —— Victor de Sá

Aos Armadores e Capitães dos Barcos da Pesca de Arrasto

ATENÇÃO — IMPORTANTE

Os danos causados pelos arrastões quando engatam um cabo submarino podem ser evitados

EVITEM *o arrasto próximo dos cabos*

EVITEM *os lances que se cruzem com os cabos*

EVITEM *danificar um cabo: no caso de engatarem algum cabo, abandonem o vosso material e reclamem a devida compensação*

Os cabos submarinos estão agora assinalados nas cartas de navegação

PESCADORES consultem estas cartas durante o arrasto e em caso de dificuldade dirijam-se a:

CABLE AND WIRELESS, LIMITED

QUINTA NOVA — CARCAVELOS

Contamos com a vossa cooperação

Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro

ANÚNCIO

Proc.º N.º 33/68

2.ª Secção — 2.º Juízo

Faz-se público que nos autos de Acção Especial (Justificação de Ausência) número trinta e três, mil novecentos e sessenta e oito, que corre seus termos pela Segunda Secção do Segundo Juízo da comarca de Aveiro, requerida por Rosa Dias de Oliveira, casada, doméstica, residente em Quinta do Picado, freguesia de Aradas; João dos Santos Oliveira e mulher, Maria do Céu de Jesus Coelho, ele empregado camarário e ela doméstica, residentes no Bonsucesso, também da freguesia de Aradas, desta comarca, foi, em sete de Outubro de mil novecentos e sessenta e oito, proferida sentença julgando justificada a ausência em parte incerta de Albino dos Santos, casado, ausente em parte incerta dos Estados Unidos da América do Norte e com última residência conhecida em Quinta do Picado, freguesia de Aradas, desta comarca.

Aveiro, 7 de Outubro de 1968

O Escrivão de Direito,

Armando Rodrigues Ferreira

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Abel Pereira Delgado

Litoral — Ano XV — 19-10-68 — N.º 728

Martins Soares

Solicitador encartado

Travessa do Governo Civil-4-1.º E.

AVEIRO

Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro

ANÚNCIO

1.ª publicação

Proc.º N.º 103/A

1.ª Secção

Pelo Juízo de Direito desta comarca, secção da Secretaria acima referida correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação do presente anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados João Carvalho Gonçalves Laranjeira e mulher, Mariana Laranjeira, residentes na Gafanha de Aquém, de Ílhavo, para no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos, deduzirem os seus direitos na execução movida por o Ministério Público e que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Aveiro, 9 de Outubro de 1968

O Escrivão de Direito,

António Amaro Martins dos Santos

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

João Carlos Afonso da Rocha

Litoral — Ano XV — 19-10-68 — N.º 728

Ramos & Gamelas, L.da

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Segundo Cartório

Certifico que por escritura de 17 de Setembro de 1968, inserta de fls. 69 v.º a 71 v.º do L.º C N.º 4, deste cartório, os sócios da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, «RAMOS & GAMELAS, LIMITADA», com sede em Aveiro, reforçaram o capital social no montante de 45 000$00 através de novas entradas dos actuais sócios e pela entrada de 3 novos sócios. O aumento foi subscrito pela forma seguinte:

a) — O actual sócio Manuel Simões Gamelas entrou com 10 000$00;

b) — O também actual sócio Ulisses Lemos de Sá, entrou com 9 000$00;

c) — O novo sócio José dos Santos Piçarra subscreveu uma quota de 11 500$00;

d) — O novo sócio Francisco Lemos de Sá, subscreveu uma quota de 11 500$00;

e) — E o novo sócio António Nobre Machado, subscreveu uma quota de 3 000$00.

Os antigos sócios unificaram as quotas que a cada um pertenciam.

E o pacto social foi alterado parcialmente substituindo-se o artigo terceiro pelo texto seguinte:

Terceiro — O capital social é de cinquenta mil escudos ,dividido em cinco quotas, uma de cada sócio, sendo as dos sócios Ulisses Lemos de Sá, Francisco Lemos de Sá e José dos Santos Piçarra, de onze mil e quinhentos escudos cada uma; e a do sócio Manuel Simões Gamelas de doze mil e quinhentos escudos; e a do sócio António Nobre Machado de três mil escudos.

Deste capital, quarenta e cinco mil escudos acham-se realizados em dinheiro; e os restantes cinco mil escudos estão representados pelos diversos bens e valores do activo da sociedade, demonstrados pela respectiva escrituração.

Está conforme ao original.

Aveiro, 26 de Setembro de 1968

O Ajudante,

Luís dos Santos Ratola

ELECTROBEIRAUTO, L.DA

Telefone 24657 — AVEIRO

ELECTRICIDADE EM AUTOMÓVEIS, BATERIAS, ETC.

COM OFICINAS NA

Rua do Senhor dos Aflitos, 22 a 22-B

(Ao lado da Firestone)

Ferreiras de Pinho, L.da

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Primeiro Cartório

Certifico que por escritura de 30 de Setembro de 1968, inserta de fls. 49 a 51, do livro B- 68, deste cartório, os sócios da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, «FERREIRAS DE PINHO, L.DA», com sede em S. Bernardo, na freguesia da Glória do concelho de Aveiro, alteraram os artigos primeiro, quarto e quinto do pacto social, que passaram a ter a seguinte redacção:

Primeiro — A sociedade adopta a firma «Ferreiras de Pinho, Limitada»; tem a sua sede e estabelecimento na freguesia de Esgueira do concelho de Aveiro; teve início no dia um de Janeiro de mil novecentos e sessenta; e durará por tempo indeterminado.

Quarto — Haverá um só gerente, eleito em assembleia geral, dispensado de caução.

Quinto — A cessão de quotas é inteiramente livre.

Está conforme ao original.

Aveiro, sete de Outubro de mil novecentos e sessenta e oito.

O Ajudante,

Luís dos Santos Ratola

Litoral — Ano XV — 19-10-68 — N.º 728

Rapaz

— com 14/15 anos.

Falar na Casa do Café, Rua do Gravito — Aveiro.

LOTARIAS E TOTOBOLA

CAMPIÃO

SEMPRE PRÉMIOS GRANDES

Rua de Ferreira Borges — COIMBRA

Armazéns ou Oficinas

Dois, local central. Área: 90 m² cada. Arrendam-se. Rua de S. Roque, 13-1.º D., em Aveiro.

Cada cabeça... sua sentença

Continuação da primeira página

mo e da nossa ingenuidade) continua a existir, para nos manter em tradicional incomunicação.

Está visto que no intrincado panorama artístico português, mesmo ligeiro, não é muito fácil alguém com valor não admitido **safar-se.** Somos um país subdesenvolvido, com tudo o que o subdesenvolvimento e o capitalismo respectivo fazem comportar. Daí...

...Daí não ser de admirar que os cantores populares mais vendidos em disco e mais ouvidos em festivais e outros programas sejam os mais incipientes, os mais retóricos, os mais **tachistas,** os mais afastados da nossa realidade.

Neste estado de coisas há também que incluir o medo: o tiro possível pode sair pela culatra e então é que são elas... Por isso, a solução é estar quieto. E estar quieto significa cantar baboseiras, que não aquecem nem arrefecem, antes mantêm caladinhas (multiplicando-as) as vozes que poderiam trautear coisas bem diversas de **«não interessa mais pensar».**

O lema é: safe-se quem puder! E quem pode... safa-se, é claro.

(Entretanto, um pouco de calma: há quem esteja a trabalhar).

Mas vejamos o que disseram os nossos «entrevistados».

UM EMPREGADO DE CAFÉ

Bem, eu cá acho que a música popular define a maneira de ser do povo português. Acho que tem valor, sim senhor. Exemplos? O fado, tanto de Coimbra como de Lisboa. Gosto imenso de alguns cantores, como Rui de Mascarenhas, Francisco José, Alberto Ribeiro. E de Amália Rodrigues, está claro.

UMA ESTUDANTE DO LICEU

Pràticamente não a ouço. Creio que tem pouco a dizer, ou nada. A música popular que me interessa é a anglo-americana. José Afonso? Acho que é, com poucos outros, um valor a sério da nossa música popular. Só é pena que não seja mais divulgado.

UM INDUSTRIAL

Verifico, com 47 anos de idade, que a música popular portuguesa não evoluiu quase nada de há cerca de 30 anos para cá. Este surto que a música popular tem vindo a ter no estrangeiro não tem correspondência entre nós. Eu diria que a nossa música popular está ultrapassada. Noto que as pessoas com conhecimentos de música se afastaram há muito do seu convívio. Foi-nos chegando, entretanto, do estrangeiro, uma outra que, além do mais, possui qualidades técnicas que a nossa está longe de ter. Note-se, no entanto, que apesar de pouco conhecidos do público em geral, há entre nós reais valores na música popular. Carlos Paredes, que muito admiro, é um exemplo.

UM ESTUDANTE E PINTOR

Considerando M. P. P. aquela que tem mais aceitação nas massas populares em virtude da sua grande difusão, aquela música com palavras portuguesas que se vende mais, aquela que toda a gente cantarola, creio que, então, a tal dita «música popular» não passa de lixo. Pessoalmente, não lhe encontro um mínimo de estética musical para que a possamos considerar como arte (inclusivé a dos festivais). Pegando na música portuguesa que nem toda a gente canta nem conhece, como a de Fernando Lopes Graça ou de José Afonso, artistas que vão procurar as suas bases de trabalho na música intimamente popular, nessa não vale a pena falar, porque, ou se conhece e então é desnecessário, ou não se conhece, e neste caso só ouvindo-a — porque a música é assim mesmo: primeiro ouve-se e depois fala-se dela.

UM EMPREGADO DE ESCRITÓRIO

A canção popular portuguesa? Antes de mais, parece-me que isso não passa dum lindo mito para entretenimento fácil. Refiro-me, é claro, àquela que é mais divulgada, tanto na TV como na Rádio. O que queres que te diga? Que me dá vontade de berrar quando ouço estas nossas lindas melodias de carregar pelo boca, de Garcias, Mourões, Tonis de Matos e companhia? Que tenho pena que cantores como o Manuel Freire, o Dr. José Afonso, o Adriano Correia de Oliveira e alguns outros não sejam mais ouvidos, que não vão à Televisão? Que diabo é a «canção popular portuguesa»? O que nos diz ela? Se exceptuarmos uma ou outra, a maioria é duma alienação quase completa, dum monocordismo temático e musical que chateia, duma pobreza que confrange.

Deves saber, entretanto, que há vários novos a tentar fazer umas coisas. Caso do Daniel, do Nuno Filipe. É deles, parece-me, que temos a esperar alguma coisa. Claro que, por enquanto, não estão muito «afinados». Falta-lhes um certo equilíbrio, em grande parte fruto das mediocres condições em que gravam. Mas, torno a dizê-lo, parece-me serem estes, e outros que entretanto (esperêmo-lo!) irão surgindo, os que tentarão renovar a nossa canção popular. O Nuno Filipe, por exemplo, canta a Teresa Horta, o que é muito de louvar, embora a música que ele faz não seja ainda por aí além.

Se vou votar? Bem, nunca alinhei nestes concursos de reis da rádio e quejandos. Mas este ano parece-me que a coisa está finalmente a ter interesse. Imagine-se! O Dr. José Afonso em primeiro! Claro que vou votar nele. E também no Manuel Freire. Por coincidência são os dois (*mais ou menos...*) de Aveiro.

UM ARTISTA PLÁSTICO

Como expressão ou meio de difusão de valores reais, a canção nacional de há muito que atingiu completa decadência. A banalidade assentou arraiais.

O seu processamento actual (e não só actual) doa-nos um amargo sentimento de vazio e nada mais.

Apresentando-se, regra geral, em termos estafados ou deformados pela super-produção comercializada no pior gosto e sentido, podemos situá-la na mesma linha dos obsoletos folhetins radiofónicos, romances cor-de-rosa, fotonovelas ,etc., da mais refinada subqualidade.

E o que é mais grave é a sua influência mistificadora, prejudicial e mitificante, pois exceptuando-se alguns casos isolados (poucos) de louvável *teimosia,* não se verifica um esforço sério tendente a uma reforma, *ab inis fundamentis.*

Portanto, a canção nacional não nos diz nada. A «melodia» é sempre a mesma: químico-copiada, banal e rançosa. A «poesia», caduca. Exemplos como: «Vou partir prá madrugada, à espera da saudade», etc. ,etc., são vulgaríssimos. E até os há bem piores. Pratica-se o lugar-comum com o maior dos desplantes. Os *condimentos* sérios são puramente utópicos. Ou não há imaginação ou há mercenarismo a mais.

Ora, a canção nacional podia (e devia) ter um papel mais importante. Uma função actuante, esclarecida e esclarecedora. Dada a facilidade da sua divulgação, poderia servir de alavanca formativa e educadora, através da actualização da poética e da forma. Serviria ainda de antídoto e purgante das avalanches publicitárias, cujos slogans torrenciais nos atordoam.

Ao contrário, a arquejante canção nacional é hoje uma linguagem senilizada e gratuita, infelizmente.

Aguardem-se melhores dias.

UM ROFESSOR

Em primeiro lugar, para se responder a uma pergunta sobre música portuguesa (ligeira ou popular) penso que se poderá formular uma outra: existe uma *música portuguesa,* portanto uma música de significação nacional, de profundo e imediato significado étnico-cultural?

A resposta peremptória em negativa será talvez ousada e um pouco arriscada, se mais não fosse porque poderia «chocar» os cultores (e há-os, nobres e plebeus) do tão falado «folclore nacional», os compositores encartados e «oficiosos» da nossa Rádio e mesmo os que, não se sabe por que manhas ou artimanhas, não se cansam de apregoar que fado é folclore, que S.ta Marta de Portozelo é folclore, que até as canções que enviam à Eurovisão «têm um fundo genuinamente português». Mas o dizermos que existe uma «música portuguesa» também pode ser afirmação perigosa — isto, é evidente, pensando em todos os géneros musicais de índole popular, desde o mais espontâneamente criado ao mais artificiosamente elaborado. Mas, deste último, e aqui incluímos o que quotidianamente nos é dado pelas nossas emissoras, preferimos nem falar, de tal forma o conteúdo e a forma dessa música são falsos.

Assim, reduzida a questão ao existir um folclore musical português, considerando folclore a expressão artística «que não saí do seu âmbito próprio, que são os campos e as aldeias», que consegue «exprimir a vida e os trabalhos do homem rústico» (usando as palavras de Lopes Graça), podemos então aceitar a existência de uma canção popular portuguesa, mas, apenas, a que «é realmente a crónica viva e expressiva do povo português».

JÚLIO HENRIQUES

DEDICATÓRIA

Continuação da primeira página

aro partido e a lente caída. Realmente se me quisessem fazer uma partida não podiam ter descoberto coisas mais arreliadoras.

O brinco, esse é que não teve importância nenhuma porque era falso como Judas. Sumiu-se. Naturalmente ainda vem a aparecer por lá ou já apareceu possivelmente a estas horas. Deve ter-se sumido por dentro da cama e como só no comboio é que dei por mim com uma orelha mocha... não o procurei, claro. Aquilo foi de noite e até certo ponto bem feito, pois eu, tratando-se de pessoas com quem tenho tanta intimidade, já devia ter a coragem de não fazer cerimónias...

Normalmente vou para toda a parte agarrada ao meu almofadão porque estranho imenso as camas, especialmente as almofadas ou travesseiros. Costumo dormir com a cabeça alta e macia. E é raro encontrar em hotéis ou seja onde for — na minha casa de férias, por exemplo — almofadas que me dêem conforto.

...E preparava-me para levar o almofadão, mas tanto se meteram comigo filhos e netos troçando das minhas magiquices que quis ter um rasgo de coragem e não levei o almofadão. Pois saiu-me caro!

Não foi que me não lembrasse de que aqui há 25 ou 30 anos passara uma noite tormentosa em Oliveira de Azeméis com um frio de morrer, num palacete onde estava de visita, por causa de uma incrível almofada, mais dura que uma pedra, que encontrei na cama. Isto para meu gosto, claro, pois «cada terra com seu uso e cada roca som seu fuso». Os donos da casa são civilizadíssimos, mas gostam daquilo. E que é que a gente tem com isso? Desta vez, também no Norte, o almofadão da minha cama parecia filho da almofada de há 25 anos. Eu não consigo saber o que é que lhes metem dentro. Só sei que era duro e pesado como nunca vi. Ao fim de muitas voltas sem encontrar posição para a cabeça — e como calculam de muita resmungadela por ter cedido diante da crítica e gracinhas dos meus — lá consegui com muita pancada fazer um rego a meio do almofadão para não assentar a orelha naquela dureza que me magoava, e deixá-la em vão. Foi o único processo de sossegar. E deve ter sido com essa ginástica de adaptação ao «duro» — o meu querido almofadão é de penas! — que se foi o brinco. Nunca mais. Ainda que eu tenha que inventar qualquer nevralgia esquisita ninguém mais me pilha sem o meu almofadão!

Enquanto não me lembrei de um sistema que me permitisse não pousar a orelha naquele monstro (porque ainda por cima era enorme), como não conseguia descansar, acendi a luz e deitei a mão a uns livros que a dona da casa gentilmente me tinha deixado à cabeceira. Peguei num autor português — um dos nossos mais conhecidos romancistas contemporâneos — e só lhes digo que a dedicatória do livro me restituiu o bom humor!

Como tudo evolui e se pode ser ridículo exagerando as tendências de uma época! Quanto haviam de dar hoje a este escritor para repetir a tal dedicatória...

Como vão ver — pois copiei-a, por lhe achar graça — não tem nada de extraordinário. Reflete apenas o espírito enfático do tempo (e de certos escritores). A edição é de 1927, e a senhora a quem o livro foi oferecido gostava de versejar e fazia-o com elegância e até com mérito. Talvez por isso, o autor pôs-lhe esta inscrição:

«Para a requintada sensibilidade e poliédrico talento de (fulana), com a admiração de (cicrano)».

E em baixo: «Século XX — Ano 27».

Não é cómico?

Eu achei!

Quem se lembraria hoje de encontrar «poliédrico talento» fosse em quem fosse? E até mesmo de datar Século XX — Ano 68?

É que não se trata de um amador de letras mas de um escritor consagrado!

Não há dúvida nenhuma de que até as palavras têm as suas modas.

CAROLINA HOMEM CHRISTO

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	ALA
Domingo	M. CALADO
2.ª feira	AVENIDA
3.ª feira	SAÚDE
4.ª feira	OUDINOT
5.ª feira	NETO
6.ª feira	MOURA

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

PELA CÂMARA MUNICIPAL

● Foi deliberado encarregar uma firma da especialidade da execução dos trabalhos de construção de 16 caixas de descarga automática, integradas na obra de «Saneamento de Esgueira».

● De acordo com as instruções recebidas, foi deliberado autorizar a elaboração do projecto definitivo das piscinas municipais, a fim de ser presente às instâncias superiores, para aprovação.

● Vão ser efectuados pelos serviços municipais competentes, os estudos respeitantes à ampliação do Abrigo-miradouro de S. Jacinto e sua electrificação, dada a grande frequência que se vem verificando, cada vez mais, naquele local.

● Atendendo às razões apresentadas pela firma adjudicatária da obra de construção civil da empreitada de «Construção do Matadouro Regional de Aveiro», foi deliberado prorrogar o prazo para a conclusão da mesma, por mais 140 dias.

● Foi deliberado encarregar o arquitecto Lúcio Estrela Santos, da elaboração dos estudos respeitantes à decoração e escolha do mobiliário destinado aos Serviços de Turismo, a instalar no novo Edifício Municipal.

● Foi aprovado pela Câmara o Regulamento Interno do Instituto Médio de Comércio de Aveiro.

● Foram apreciados 19 processos de obras, que mereceram os seguintes despachos: 10 deferimentos, 4 indeferimentos, 3 informações e 1 para arquivar.

SEMANA DE REFLEXÃO NA PARÓQUIA DA GLÓRIA

Em recente reunião, o Conselho Paroquial da Freguesia da Glória resolveu promover, de 21 a 25 do corrente, uma *Semana de Reflexão* — para estudo de importantes problemas de muita actualidade.

Haverá sessões públicas, na Casa de Santa Zita, com início às 21.30 horas, sendo os trabalhos orientados por sacerdotes e por leigos. Nos vários dias desta *Semana de Reflexão*, serão abordados os seguintes temas:

Dia 21 — A VOCAÇÃO DO CRISTÃO — RESPOSTA AO PLANO DE DEUS. Dia 22 — O LEIGO NA IGREJA. Dia 23 — O QUE É UMA PARÓQUIA — SUA DIMENSÃO GLOBAL. Dia 24 — O TESTEMUNHO E O COMPROMISSO DO CRISTÃO PERANTE OS OUTROS. Dia 25 — VIVER EM CARIDADE.

CORTEJO DE OFERENDAS, AMANHÃ, EM VILAR

A Comissão das Obras de Ampliação da Capela de Vilar, no intuito de angariar fundos para esses trabalhos, promove, amanhã, um cortejo de oferendas, que está a despertar muito interesse em todo o lugar.

É de crer, portanto, no êxito do cortejo, em cuja organização se encontram empenhadas as mais gradas figuras de Vilar.

PROF. AGOSTINHO DE SOUSA

O Papa Paulo VI acaba de conferir o grau de Comendador da Ordem de São Silvestre ao Prof. Agostinho de Sousa, mestre muito estimado e respeitado por muitas gerações de alunos da Escola Primária Superior e do Liceu de Aveiro, onde proficientemente leccionou e se jubilou.

O respectivo diploma foi agora enviado àquele ilustre pedagogo — que conta 86 anos de idade —, pelo Secretário-Geral do Estado do Vaticano, Mons. Cicognani, por intermédio da Nunciatura Apostólica em Lisboa.

MOVIMENTO DA LOTA

Durante o mês de Setembro, o valor do peixe transaccionado na Lota de Aveiro foi de 1931561$00, correspondendo 541719 aos arrastões costeiros, 1 165 724$00 às traineiras (frotas de Aveiro, Leixões, Vila do Conde e Peniche), e 224 118$00 à pesca artesanal da Ria.

PALESTRA, EM ÁGUEDA, DO DR. VASCO BRANCO

Na próxima quarta-feira, 23 do corrente, pelas 21.30 horas, o distinto cineasta e nosso ilustre colaborador Dr. Vasco Branco profere uma palestra em Águeda, a convite do C. E. F. A. S.

Desenvolverá o tema «Cinema», focando os seguintes pontos: É o Cinema uma Arte? Serve-se de meios próprios ou pede-os emprestados às outras Artes? Qual deve ser o objectivo principal do Cinema?

Serão exibidas, no final, algumas das películas de Vasco Branco, que será apresentado pelo sr. Dr. Jaime Correia de Sousa.

FAZEM ANOS:

Hoje, 19 — *A sr.ª D. Rosa Romão Tavares, esposa do sr. Augusto Tavares Almeida, os srs. Emílio da Silva Campos, Dr. José Vieira Gamelas e D. António Xavier Manoel (Atalaya), e o menino Eduardo Manuel, filho do 1.º Sargento sr. Luís Trindade da Silva.*

Amanhã, 20 — *As sr.as D. Maria do Rosário Simões Branco Neves, D. Ana Maria Silva Cunha, esposa do sr. Arlindo Gouveia da Cunha, e D. Isaura dos Santos Santana, esposa do sr. António Nunes da Rocha, os srs. João José da Maia Vieira Barbosa e Dr. António Augusto Soares de Andrade, o menino José Manuel, filho do 1.º Sargento sr. José de Resende Feio, e a menina Maria da Conceição, filha do sr. João dos Santos Baptista.*

Em 21 — *A sr.ª D. Maria José Tavares de Vilhena Génio, esposa do sr. Domingos Génio, e o sr. Agostinho de Almeida.*

Em 23 — *As sr.as D. Olinda Miguéis Bernardo Ferreira da Maia, esposa do sr. Dr. Francisco Assis Ferreira da Maia, e D. Conceição de Jesus Casal, esposa do sr. João Evangelista Andrade de Carvalho, o sr. Dr. Hermínio Faro e a menina Aurora Maria Vaz.*

Em 24 — *As sr.as D. Fernanda Maria Simões Ratola e D. Josefina da Luz Ferreirinha de Andrade, esposa do sr. Jorge de Andrade Pereira da Silva, e os srs. Dr. Manuel Amador da Cruz, Carlos Vicente França Marques Mendes e Manuel Pereira Melo.*

Em 25 — *A sr.ª D. Fernanda de Faria Sampaio, esposa do sr. Dr. Álvaro Sampaio, os srs. prof. Abílio dos Santos Costa Simões e Silvério Pericão Rangel, a menina Soledade Maria, filha do sr. Abel Ferreira da Encarnação Durão, e os meninos Luís Pedro, filho do sr. José Bernardino Lopes Tavares, e Vítor Manuel, filho do sr. Tenente-Coronel João Dias dos Santos.*

PEDIDO DE CASAMENTO

Pelos srs. Dr. Manuel Ferreira Gomes e Dr.ª D. Maria Helena de Almeida Marques de Vilhena Ferreira Gomes, foi pedida em casamento a sr.ª Prof.ª D. Isabel Maria Fernandes Guimarães, filha do sr. José Maria da Silva Guimarães e da sr.ª D. Amália Ribeiro Fernandes Guimarães, para o sr. Armando Augusto Tavares Ferreira de Vilhena, filho do sr. Augusto Ferreira de Vilhena e da sr.ª D. Margarida Tavares.

O pedido de casamento realizou-se nesta cidade, no penúltimo domingo, 6 do corrente.

ENG.º JOÃO JOSÉ FERREIRA DA MAIA

Na passada quarta-feira, dia 16, concluiu a sua formatura em Química-Industrial, no Instituto Superior Técnico, o nosso conterrâneo sr. Eng.º João José Ferreira da Maia, filho da sr.ª D. Dora Ferreira Sérgio e do sr. José Ferreira da Maia, funcionário da Direcção de Finanças, e casado com a sr.ª D. Maria da Graça Henriques Ferreira da Maia.

Os nossos parabéns

NASCIMENTO

No passado dia 7, nasceu um filhinho ao casal da sr.ª D. Maria de Fátima de Carvalho Martins e do sr. Luís Gonzaga Martins.

O neófito, que foi baptizado com o nome de Luís Pedro, é neto materno da sr.ª D. Rosa Elvira Ferreira de Carvalho e do sr. Manuel António de Carvalho; e neto paterno da sr.ª D. Glória do Céu Martins e do sr. João Baptista Martins.

As nossas felicitações

DE VIAGEM

Com sua esposa, a escultora Clara Semide, partiu para Londres e Paris, em viagem de recreio e estudo, o nosso bom amigo Arq.º José Baptista Semide, distinto técnico do Gabinete de Urbanização de Aveiro.

Apelo da Direcção Geral de Saúde

VACINAÇÃO CONTRA A PARALISIA INFANTIL

Com o pedido de publicação, recebemos do sr. Dr. Domingos Ferreira Afonso e Cunha, ilustre Delegado de Saúde no Distrito de Aveiro, o seguinte apelo da Direcção Geral de Saúde:

É do domínio público e deve ser especialmente do conhecimento de todos os pais que a Direcção-Geral de Saúde efectuou uma larga campanha de vacinação antipoliomielítica, por todos os concelhos e freguesias do País, no intuito de facilitar a imunização de crianças e jovens, contra essa gravíssima doença, que é a paralisia infantil.

Tanto através de Delegações e Subdelegações de Saúde, como de Postos de Vacinação, distribuídos por inúmeras freguesias, têm sido convocadas as crianças e jovens, em idades de vacinação, para que recebam as primeiras, segundas e terceiras doses e fiquem convenientemente defendidas da terrível enfermidade.

Infelizmente, como acontece muitas vezes, só nos anos de 1966 e 1967 houve significativo número de vacinações e, em correspondência, logo diminuiram os casos e óbitos, provocados por tal doença, como se vê pelos elementos estatísticos seguintes:

1965 — em 292 casos, houve 28 óbitos; 1966 — em 13 casos, houve 4 óbitos; e 1967 — em 5 casos, houve 2 óbitos.

Infelizmente, porque, já no ano de 1968, ao contrário do que seria para esperar, as populações têm esquecido os apelos que lhes são continuamente dirigidos pelas autoridades sanitárias e não acorrem à vacinação, como seria do seu maior interesse.

Além de haver ainda muitas crianças e jovens, que não receberam sequer a primeira dose de vacina antipoliomielítica, de Sabin, por via bucal, muitas outras deixaram de receber as segundas e terceiras doses, que são absolutamente indispensáveis, para uma boa imunização.

O resultado não se fez esperar — é triste dizê-lo! — e já começaram a registar-se mais casos e óbitos.

Só no primeiro trimestre de 1968 já houve mais casos do que em todo o ano de 1967.

Convencida de que não «brada no deserto», a Direcção-Geral de Saúde vem novamente apelar para todos os pais, a fim de que levem os seus filhos à vacinação.

Ela é muito simples e absolutamente inofensiva, pois é feita com aplicação de três gotas de vacina, pela boca, para cada dose.

Com sacrifício de uns breves minutos, todos os pais podem livrar os seus filhos de uma doença gravíssima, que os pode matar ou deixá-los inutilizados para a vida, paralíticos ou deformados.

Há Postos de Vacinação por toda a parte! Nas Delegações ou Subdelegações de Saúde, nos Dispensários do Instituto Maternal e em milhares de Postos de Vacinação, espalhados por muitas das freguesias do País.

Não percam tempo! Levem depressa os vossos filhos a vacinar! Não queiram que, por vossa culpa, eles possam vir a ter a paralisia infantil!

Agradecimento

JOÃO DE MORAIS GAMELAS

A família do saudoso extinto, na impossibilidade de o fazer pessoalmente por falta de endereços, vem, por este meio, agradecer muito reconhecidamente, a todas as pessoas que, de algum modo, lhe manifestaram o seu pesar, pedindo desculpa por qualquer falta involuntàriamente cometida.

CINE-TEATRO AVENIDA
Cartaz dos Espectáculos

Sábado, 19 (à tarde e à noite) — MÚSICA NO CORAÇÃO, com Julie Andrews, Christopher Plummer e Eleonor Parker.
Para maiores de 12 anos

Domingo, 20 — (à tarde e à noite) — DOZE INDOMÁVEIS PATIFES, com Lee Marvim, Ernest Borgnine e Charles Bronson.
Para maiores de 17 anos.

Terça-feira, 22 (à noite) — COMISSÁRIO X ACÇÃO EM CEILÃO, com Tony Kendal, Brad Harris e Barbara Frey.
Para maiores de 12 anos.

Serviços Municipalizados de Aveiro

AVISO

Por motivo de trabalhos urgentes a efectuar na rede de distribuição de energia eléctrica destes Serviços Municipalizados, nas Rua de Ílhavo, Travessa da Fonte dos Amores, Rua das Pombas, E. N. 109 até à fábrica Dankal e Estrada de Aradas até à Rua da Agra, avisam-se os Ex.mos consumidores de energia eléctrica de que será interrompido o fornecimento, no próximo domingo, dia 20, das 8 às 12 horas.

Prevendo-se a possibilidade de ligar a corrente antes daquela hora, TODAS AS INSTALAÇÕES DEVEM SER CONSIDERADAS, para efeito das precauções a tomar, como estando PERMANENTEMENTE EM CARGA.

Aveiro, 15 de Outubro de 1968

O Engenheiro-Chefe dos Serviços Técnicos de Electricidade,
a) — *Basílio da Rocha Martins Junior*

Para um diálogo vivo

Continuação da primeira página

o nosso espírito crítico». Não é nas águas do oportunismo que vamos abrir brechas nas pedras; não é ferindo o tronco da árvore que lhe arrancamos a raiz.

A verdade, é que nessa sociedade, a cultura tende, preferentemente, a explorar certos instintos primitivos das massas ou responder à necessidade de escape que sente quem o ritmo de vida uniforme e rotineiro marca e determina. Mas olhemos à nossa volta: a maioria do público de cinema das noites de sábado é constituída por trabalhadores de modesta condição e diminuta cultura. O que se lhes oferece? Filmes com receitas milagrosas de heróis do gatilho, romancezinhos amorudos do galã sedutor e da rapariga ingénua, coitadinha; fantasmas, lobisomens, dramalhões de faca e alguidar, tudo polvilhado com o máximo de fogo de artifício e imbecilidade. E a literatura com maior saída nas tabacarias, qual é? Livrinhos excitantes e sentimentalões, onde não podiam faltar as fotonovelas mui, mui cor de rosa. E a música? E a pintura? E, e o teatro? Quem tiver dúvidas, compare o fracasso comercial de «A Louca de Chaillot» com o bojudo êxito de «O Comprador de Horas».

Neste contexto, é inevitável que não vislumbremos toda uma mistificação, os interesses que se desenham por detrás desta cultura de plástico, *quebradiça, embaciada, oca. E, se não, reparemos que os* faraós, *verdadeiramente, não prendem as mãos aos que, colocando tijolo sobre tijolo, vão construindo as casas, as ruas, os jardins, o futuro. Antes mascaram e velam o pesado braço de ferro que impõe a mentira. Facilitam, fomentam mesmo, as iniciativas que não comprometam a quietude dos conceitos, a serenidade das estátuas, a virgindade do mistério — a obscuridade, o silêncio, o imobilismo, a permanência. Que o vento estremeça as flores, mas as não arranque; que a faísca rompa a noite, mas a não ilumine; que o trovão estilhace o silêncio, mas o não quebre.*

Mas esta cultura inofensiva, que não deixa de seduzir certas boas intenções, ocupar a ociosidade de alguns génios incompreendidos, *e a quem a Academia devota a sua preciosa atenção e chorudos prémios; que se formaliza em interessantes arabescos vanguardistas e se liquefaz em mesuras a 90°; que se entrega a um ridículo servilismo, e se move, tímida, entre sentenças indiscutíveis e plateias magras e benévolas, que se pode ganhar com ela? que podemos esperar dos seus promotores?*

Decorre, portanto, da clara dissecação das estruturas anquilosantes deste tipo de sociedade, onde todo um processo cultural frágilmente se desenvolve, podermos formular a função da Arte, e determinarmos a responsabilidade do artista no que se refere às relações que envolvem, conjuntamente, a Arte e a transformação social indispensável para a sua dignificação e autenticidade.

Frizemos, portanto, que quem propenda a separar, hermèticamente, a realização artística da situação social em que toma corpo, está a alienar uma realidade sem a qual a Arte ganha um aspecto gratuito e um tom académico, que a diminuem e, a breve trecho, a corrompem. Aventar-se-á que a Arte, como linguagem que é, não se pode «situar» num tempo fixo, sob o risco de compartimentar o todo que se constitui; adulterar-se-ia, limitada a sua projecção por uma capa rígida, que, embora explicando concretamente a situação na qual se objectivou, *nega ou obscurece uma interioridade que resta sempre para além de qualquer análise exaustiva. Indefinível, portanto, na impossibilidade de enformarmos a criação artística num espaço isolado, dissecá-la até a esgotar. E isto, porque se surgisse transparente, seria falsa; porque se surgisse como adequação da realidade não seria Arte. Porque a Arte não responde, porgunta; porque não obscurece, ilumina; porque não reflecte apenas, antecipa; porque não vela, revela. Porque, como expressão estética duma tensão homem-mundo, como re-criação do movimento cósmico, «tenta descobrir» — como diz Max Bense referindo-se à literatura — «fazer-nos experimentar — pois a literatura é evidentemente veículo de experiências físicas e metafísicas — equívocos espirituais dos quais tenta desembaraçar-nos». No sentido da criação de uma estética que, quando esclarecesse «igualmente os problemas da literatura e da filosofia», citando de novo Max Bense, incorresse na compreensão do «ser da liberdade de um mundo que, em tudo o mais, é rígido».*

Resulta, assim, errado, querer-se extrair-lhe a ferros, um vanguardismo que lhe está no cerne. Só porque é vanguarda não cai com os impérios, permanece como projecção da sua existência no tempo, explica-os. Mas ainda neste ponto, temos de distinguir a vanguarda que antecipa, que revela a realidade, que rasga o futuro, dum certo formalismo, jovial, mas trôpego, que as mais das vezes, ao quebrar um convencionalismo entediante, não o contesta nem contribui em nada para a sua destruição. Entendemos agora Ernst Fischer quando diz: «A função da Arte não é a de arrombar portas abertas, mas a de abrir portas fechadas».

O que não podemos, todavia, e a par disto, é rodear a criação artística dum halo de transcendentismo celestial e metafísico, autonomizando-a e distanciando-a duma praxis, *fruto da acção do homem no mundo.*

JORGE SARABANDO MOREIRA

O Problema Viário

Continuação da última página

do exterior para o interior.

Neste passo, o Arq.º José Semide explanou, largamente e proficientemente, à vista de numerosos planos, o projecto de remodelação e ampliação viária, justificando convincentemente as vantagens dos traçados camarários, com vista já a uma previsão, a longo prazo, de uma planificação de todo o território concelhio. Trata-se de um trabalho conscienciosíssimo, sendo de admirar — e de louvar! — que tão complexo e exaustivo estudo se tenha realizado apenas desde Outubro do ano transacto até Agosto deste ano.

Aproveitando os pontos de vista das entidades superiores, o Plano Director, na sua actual remodelação, pretende alcançar o entroncamento com a *Variante* por acessos que, fugindo aos embaraços ferroviários, e outros, e respeitando estimáveis zonas com possibilidades de imediata urbanização, deixem núcleos definidos para utilização habitacional e industrial, designadamente ao longo e nas proximidades da linha do caminho de ferro, sem com ela interferirem.

Cada dia que passa sem uma *certeza* sobre o traçado viário é entrave para o desenvolvimento da construção e do correspondente equipamento colectivo. Problema número um, a que se subalternizam todos os fundamentais aspectos do progresso regional, impõe-se a urgente apreciação do minucioso estudo camarário, há dias apresentado às competentes entidades superiores: poucos são já os terrenos ainda livres que permitem antever o futuro desenvolvimento da rede de acessos — e as demoras certamente determinariam nma retardadora especulação fundiária, com todas as deploráveis consequências; aliás —acentue-se— a conclusão dos planos parciais, em curso, da cidade e do concelho, está na dependência das vias de comunicação.

Confiamos plenamente em que às diligências do Município aveirense corresponderão, sem detença, o zelo, a compreensão, o saber e a celeridade das superiores instâncias.

Santa Casa da Misericórdia

Assembleia Geral Extraordinária

Em conformidade com o § 2.º do Art.º 27.º e para os efeitos do n.º 5 do Art.º 29.º do Compromisso desta Santa Casa da Misericórdia, convido os seus Ex.mos Associados para uma reunião da Assembleia Geral Extraordinária desta Santa Casa da Misericórdia, a efectuar no próximo dia 29 de Outubro pelas 21 horas, com o seguinte objectivo:

Autorizar e conferir os poderes necessários à Mesa Administrativa, para ceder por venda ao Estado, por interferência da Comissão de Construções Hospitalares ou outra qualquer entidade que o represente, até 6 500 metros quadrados de terreno pertencente a esta Santa Casa da Misericórdia, onde funcionam as suas instalações Hospitalares, à Avenida Artur Ravara, pela quantia de trezentos contos, terreno que se destina à construção do novo Hospital Regional de Aveiro.

Nos termos do Art.º 25.º e seu § único, se, à hora indicada não estiverem presentes a maioria dos associados, esta Assembleia Geral Extraordinária funcionará passada uma hora com qualquer número de associados.

Tratando-se de um assunto do maior interesse, quer para esta Instituição, quer para esta cidade, quer ainda para este concelho, solicita-se a comparência dos Ex.mos Associados.

Aveiro, 10 de Outubro de 1968

O Presidente da Assembleia Geral,
Dr. António Fernando Rendeiro Marques

ARCA DE ANTIGUIDADES

Continuação da última página

as suas ondas prateadas; com vista para o oceano, de que apenas a separa uma lagoa de vista formosíssima; cercada de aprazíveis quintas, e de sítios amenos e deleitáveis em todas as estações do ano; Aveiro está destinada, se a barra melhorar, e a via férrea se fizer, a ser uma das cidades mais florescentes e crescidas da monarquia. Pátria de homens notáveis, de pregadores insignes, de exímios oradores, de poetas afamados, de advogados ilustres, de médicos sapientíssimos — os seus anais regorgitam de factos memoráveis na história de Portugal. Aqui veio terminar os seus infaustos dias aquela santa princesa, filha do rei Afonso V, encerrada no recinto claustral das monjas de Jesus, onde ora se vê o seu riquíssimo jazigo. Este monumento é, fora de contestação, — se exceptuarmos uma capela da Batalha e a formosa peça de S. Roque, — o mais belo e grandioso espécimen da arte do mosaico em Portugal. Está posto no centro do coro interior das monjas. A capela é obrada em madeira, artística e graciosamente lavrada e entalhada, e toda coberta de ouro. O convento de Jesus já teve a sua época de luzido esplendor, quando a festa da santa princesa durava três dias plenos, com seus sermões de trinta moedas cada um. Hoje está em completa decadência. Nem festa, nem sermões, nem pregadores freiráticos, nem monjas graciosas por detrás das grades douradas. Habitam-no, apenas, dez almas errantes de freiras já provectas, cuja vida passa em oração em torno do monumento da princesa santa.

Ali as deixaram as revoluções do mundo, ali as virá encontrar a bem-aventurança; e o convento histórico será então, como tantos outros, indigna presa de vândalos ou agiotas.

Defronte, a igreja de S. Domingos, onde jaz o monumento da única mulher querida do maior poeta português. Sorte fatalíssima destes grandes génios, que sempre o mundo os há-de vir encontrar em seus mais altos voos, como para os obrigar a deixarem da sua existência um rasto luminoso e desventurado. Safo precipita-se de um rochedo, e morre abraçada com a sombra do amigo que a deixara. Altos e misteriosos amores palacianos levam o triste Ovídio desterrado para os Getas. Tão alto e menos misterioso afecto fez sucumbir o Tasso numa masmorra escura. Camões foi tão infeliz como todos estes. Apaixonou-se loucamente por D. Catarina de Ataíde, donzela fidalga, que em seu tempo servia na corte, e ela, segundo é de ver nas poesias que o poeta lhe dedica, correspondia-lhe com igual e extremosa afeição. Queixaram-se os pais do atrevimento inaudito, e Camões foi de caminho desterrado para a Índia. Quando voltou achou-a casada e morta. Os sentidíssimos versos que lhe inspirou tamanha perda nunca serão igualados:

Alma minha gentil que te partiste...

Escusamos citar o soneto que todos sabem de cor. O nome de Natércia terá de atravessar os séculos unido à imortal glória do poeta. A data da morte, inscrita no moimento, é de 1551. Está junto do altar-mor, à esquerda, tão preciosa e memorada relíquia.

Além destes, muitos outros monumentos históricos subsistem em Aveiro, antigos e modernos, como são os restos arruinados do antigo palácio dos seus duques, o belíssimo cais construído por um desembargador, e o paredão da barra, obra notável do engenheiro Oudinot.

A cidade era servida por uma barra que demora mais para o sul da actual, e em péssima situação. Oudinot estudou o local mais apropriado, fez um paredão, e em dia aprazado, no sítio conveniente, traçou com o pé um rego por onde apenas corria um débil fio de água, e duas horas depois a nova barra estava aberta.

Mas não foram as recordações históricas, nem os antigos monumentos, nem a barra de Oudinot, nem o cais do desembargador, que fizeram dar a Aveiro o nome de Paris descalço.

Foi a tricana, esse tipo imortal da beleza popular. Percorrei o reino inteiro, e não encontrareis formosuras como neste pequeno canto de Portugal. Olhos vivos, alegres e travessos, dentes de uma alvura de jaspe, incomparáveis, feições regularíssimas, o corpo estatuário.

A tricana é positivamente um enxerto da Geórgia ou da Circássia. Assim o afirmam os que se dão a essa espécie de espinhosas averiguações. Com um talento decidido para toda a casta de artes, em nenhuma parte ouvireis mais afinadas e sentidas cantigas populares, como em nenhuma vereis mais graciosas e requebradas danças. O Ai Jazus, de uma originalidade incomparável! Qual Romilda, nem qual Cappom, nem qual Constanza, nem qual teatro de S. Carlos!? Aconselhamos ao janota de Lisboa que se desprenda desse hábito grosseiro e absurdo de habitar sempre na capital, e faça uma volta pelas províncias até Aveiro, se quer regalar por uma vez os olhos e os ouvidos. Deixem esses pasmatórios perpétuos do Marrare nojento, e do Passeio Público, e venham aqui refocilar os seus instintos artísticos.

Uma só tricana, com sua saia de pano azul finíssimo, com a sua capa gentil e graciosa, com o lenço de seda lavrado a cobrir-lhe dos raios do sol as dinas ondas dos seus abundantes cabelos, vale — a conta foi feita por bom entendedor, — vinte das mais aperaltadas e dengosas janotas da capital. Agora acrescentai que, com tanto de uma vida dura e cortada de trabalho, o seu trato é por extremo polido e delicado, as maneiras palacianas, o conversar finíssimo e espirituoso. A tricana é o enlevo dos olhos. Isto vem da raça.

THOMAZ DE CARVALHO

Crónicas de Cinema

Continuação da última página

dade o desaparecimento (que o parece) do Cine-Clube de Aveiro.

O problema dos lapsos de qualidade de grande parte dos filmes exibidos entre nós não reside exactamente na falta de critério das Direcções dos respectivos cinemas. Se são casas comerciais, sujeitas a lucros e perdas, é evidente que tentarão conseguir lucros. E os lucros... conseguem-se com a exibição de mediocridades.

O pouco que poderemos apontar não será totalmente dirigido à empresa exploradora, mas, na sua maior parte, ao público — a nós mesmos.

Sabemos não ser muito *coerente* exigir-se a vinda de filmes que se sabe irem dar prejuízo. No que respeita ao cinema português, se não forem as em tudo tristes fitas de cordel, com o Calvário e a Madalena a casarem-se no fim, está tudo tramado. O *novo cinema português,* por onde pára ele? Ainda em recente entrevista publicada no SL n.º 532 do Diário de Lisboa, o realizador Fernando Lopes, a propósito do seu novo trabalho («Uma abelha na chuva», extraído da narrativa homónima de Carlos de Oliveira), explicava: «Estou convencido que o filme tem bastante mais defesa que o *Belarmino.* (...) Temos umas possibilidades de defender o filme mesmo fora do país. (...) Ou principalmente até fora do país.»

Assim, o novo cinema de valor — que o temos! — não é para nós: sai. Mais uma vez o velho provérbio se justifica: santos da porta não fazem milagres.

Quando teremos aqui em Aveiro um *Belarmino,* um *Mudar de Vida?*

Estará o *novo cinema português* condenado à exibição exígua de meia dúzia de casas de Lisboa e do Porto — e à exportação?

ARTUR FINO
JÚLIO HENRIQUES

SERVIÇO DE FARMÁCIAS

Sábado	ALA
Domingo	M. CALADO
2.ª feira	AVENIDA
3.ª feira	SAÚDE
4.ª feira	OUDINOT
5.ª feira	NETO
6.ª feira	MOURA

Das 9 h. às 9 h. do dia seguinte

PELA CÂMARA MUNICIPAL

● Foi deliberado encarregar uma firma da especialidade da execução dos trabalhos de construção de 16 caixas de descarga automática, integradas na obra de «Saneamento de Esgueira».

● De acordo com as instruções recebidas, foi deliberado autorizar a elaboração do projecto definitivo das piscinas municipais, a fim de ser presente às instâncias superiores, para aprovação.

● Vão ser efectuados pelos serviços municipais competentes, os estudos respeitantes à ampliação do Abrigo-miradouro de S. Jacinto e sua electrificação, dada a grande frequência que se vem verificando, cada vez mais, naquele local.

● Atendendo às razões apresentadas pela firma adjudicatária da obra de construção civil da empreitada de «Construção do Matadouro Regional de Aveiro», foi deliberado prorrogar o prazo para a conclusão da mesma, por mais 140 dias.

● Foi deliberado encarregar o arquitecto Lúcio Estrela Santos, da elaboração dos estudos respeitantes à decoração e escolha do mobiliário destinado aos Serviços de Turismo, a instalar no novo Edifício Municipal.

● Foi aprovado pela Câmara o Regulamento Interno do Instituto Médio de Comércio de Aveiro.

● Foram apreciados 19 processos de obras, que mereceram os seguintes despachos: 10 deferimentos, 4 indeferimentos, 3 informações e 1 para arquivar.

SEMANA DE REFLEXÃO NA PARÓQUIA DA GLÓRIA

Em recente reunião, o Conselho Paroquial da Freguesia da Glória resolveu promover, de 21 a 25 do corrente, uma *Semana de Reflexão* — para estudo de importantes problemas de muita actualidade.

Haverá sessões públicas, na Casa de Santa Zita, com início às 21.30 horas, sendo os trabalhos orientados por sacerdotes e por leigos. Nos vários dias desta *Semana de Reflexão*, serão abordados os seguintes temas:

Dia 21 — A VOCAÇÃO DO CRISTÃO — RESPOSTA AO PLANO DE DEUS. Dia 22 — O LEIGO NA IGREJA. Dia 23 — O QUE É UMA PARÓQUIA — SUA DIMENSÃO GLOBAL. Dia 24 — O TESTEMUNHO E O COMPROMISSO DO CRISTÃO PERANTE OS OUTROS. Dia 25 — VIVER EM CARIDADE.

CORTEJO DE OFERENDAS, AMANHÃ, EM VILAR

A Comissão das Obras de Ampliação da Capela de Vilar, no intuito de angariar fundos para esses trabalhos, promove, amanhã, um cortejo de oferendas, que está a despertar muito interesse em todo o lugar.

É de crer, portanto, no êxito do cortejo, em cuja organização se encontram empenhadas as mais gradas figuras de Vilar.

PROF. AGOSTINHO DE SOUSA

O Papa Paulo VI acaba de conferir o grau de Comendador da Ordem de São Silvestre ao Prof. Agostinho de Sousa, mestre muito estimado e respeitado por muitas gerações de alunos da Escola Primária Superior e do Liceu de Aveiro, onde proficientemente leccionou e se jubilou.

O respectivo diploma foi agora enviado àquele ilustre pedagogo — que conta 86 anos de idade —, pelo Secretário-Geral do Estado do Vaticano, Mons. Cicognani, por intermédio da Nunciatura Apostólica em Lisboa.

MOVIMENTO DA LOTA

Durante o mês de Setembro, o valor do peixe transaccionado na Lota de Aveiro foi de 1931561$00, correspondendo 541719 aos arrastões costeiros, 1 165 724$00 às traineiras (frotas de Aveiro, Leixões, Vila do Conde e Peniche), e 224 118$00 à pesca artesanal da Ria.

PALESTRA, EM ÁGUEDA, DO DR. VASCO BRANCO

Na próxima quarta-feira, 23 do corrente, pelas 21.30 horas, o distinto cineasta e nosso ilustre colaborador Dr. Vasco Branco profere uma palestra em Águeda, a convite do C. E. F. A. S.

Desenvolverá o tema «Cinema», focando os seguintes pontos: É o Cinema uma Arte? Serve-se de meios próprios ou pede-os emprestados às outras Artes? Qual deve ser o objectivo principal do Cinema?

Serão exibidas, no final, algumas das películas de Vasco Branco, que será apresentado pelo sr. Dr. Jaime Correia de Sousa.

FAZEM ANOS:

Hoje, 19 — *A sr.ª D. Rosa Romão Tavares, esposa do sr. Augusto Tavares Almeida, os srs. Emílio da Silva Campos, Dr. José Vieira Gamelas e D. António Xavier Manoel (Atalaya), e o menino Eduardo Manuel, filho do 1.º Sargento sr. Luís Trindade da Silva.*

Amanhã, 20 — *As sr.ªs D. Maria do Rosário Simões Branco Neves, D. Ana Maria Silva Cunha, esposa do sr. Arlindo Gouveia da Cunha, e D. Isaura dos Santos Santana, esposa do sr. António Nunes da Rocha, os srs. João José da Maia Vieira Barbosa e Dr. António Augusto Soares de Andrade, o menino José Manuel, filho do 1.º Sargento sr. José de Resende Feio, e a menina Maria da Conceição, filha do sr. João dos Santos Baptista.*

Em 21 — *A sr.ª D. Maria José Tavares de Vilhena Génio, esposa do sr. Domingos Génio, e o sr. Agostinho de Almeida.*

Em 23 — *As sr.ªs D. Olinda Miguéis Bernardo Ferreira da Maia, esposa do sr. Dr. Francisco Assis Ferreira da Maia, e D. Conceição de Jesus Casal, esposa do sr. João Evangelista Andrade de Carvalho, o sr. Dr. Hermínio Faro e a menina Aurora Maria Vaz.*

Em 24 — *As sr.ªs D. Fernanda Maria Simões Ratola e D. Josefina da Luz Ferreirinha de Andrade, esposa do sr. Jorge de Andrade Pereira da Silva, e os srs. Dr. Manuel Amador da Cruz, Carlos Vicente França Marques Mendes e Manuel Pereira Melo.*

Em 25 — *A sr.ª D. Fernanda de Faria Sampaio, esposa do sr. Dr. Álvaro Sampaio, os srs. prof. Abílio dos Santos Costa Simões e Silvério Pericão Rangel, a menina Soledade Maria, filha do sr. Abel Ferreira da Encarnação Durão, e os meninos Luís Pedro, filho do sr. José Bernardino Lopes Tavares, e Vítor Manuel, filho do sr. Tenente-Coronel João Dias dos Santos.*

PEDIDO DE CASAMENTO

Pelos srs. Dr. Manuel Ferreira Gomes e Dr.ª D. Maria Helena de Almeida Marques de Vilhena Ferreira Gomes, foi pedida em casamento a sr.ª Prof.ª D. Isabel Maria Fernandes Guimarães, filha do sr. José Maria da Silva Guimarães e da sr.ª D. Amália Ribeiro Fernandes Guimarães, para o sr. Armando Augusto Tavares Ferreira de Vilhena, filho do sr. Augusto Ferreira de Vilhena e da sr.ª D. Margarida Tavares.

O pedido de casamento realizou-se nesta cidade, no penúltimo domingo, 6 do corrente.

ENG.º JOÃO JOSÉ FERREIRA DA MAIA

Na passada quarta-feira, dia 16, concluiu a sua formatura em Química-Industrial, no Instituto Superior Técnico, o nosso conterrâneo sr. Eng.º João José Ferreira da Maia, filho da sr.ª D. Dora Ferreira Sérgio e do sr. José Ferreira da Maia, funcionário da Direcção de Finanças, e casado com a sr.ª D. Maria da Graça Henriques Ferreira da Maia.

Os nossos parabéns

NASCIMENTO

No passado dia 7, nasceu um filhinho ao casal da sr.ª D. Maria de Fátima de Carvalho Martins e do sr. Luís Gonzaga Martins.

O neófito, que foi baptizado com o nome de Luís Pedro, é neto materno da sr.ª D. Rosa Elvira Ferreira de Carvalho e do sr. Manuel António de Carvalho; e neto paterno da sr.ª D. Glória do Céu Martins e do sr. João Baptista Martins.

As nossas felicitações

DE VIAGEM

Com sua esposa, a escultora Clara Semide, partiu para Londres e Paris, em viagem de recreio e estudo, o nosso bom amigo Arq.º José Baptista Semide, distinto técnico do Gabinete de Urbanização de Aveiro.

Apelo da Direcção Geral de Saúde

VACINAÇÃO CONTRA A PARALISIA INFANTIL

Com o pedido de publicação, recebemos do sr. Dr. Domingos Ferreira Afonso e Cunha, ilustre Delegado de Saúde no Distrito de Aveiro, o seguinte apelo da Direcção Geral de Saúde:

É do domínio público e deve ser especialmente do conhecimento de todos os pais que a Direcção-Geral de Saúde efectuou uma larga campanha de vacinação antipoliomielítica, por todos os concelhos e freguesias do País, no intuito de facilitar a imunização de crianças e jovens, contra essa gravíssima doença, que é a paralisia infantil.

Tanto através de Delegações e Subdelegações de Saúde, como de Postos de Vacinação, distribuídos por inúmeras freguesias, têm sido convocadas as crianças e jovens, em idades de vacinação, para que recebam as primeiras, segundas e terceiras doses e fiquem convenientemente defendidas da terrível enfermidade.

Infelizmente, como acontece muitas vezes, só nos anos de 1966 e 1967 houve significativo número de vacinações e, em correspondência, logo diminuiram os casos e óbitos, provocados por tal doença, como se vê pelos elementos estatísticos seguintes:

1965 — em 292 casos, houve 28 óbitos; 1966 — em 13 casos, houve 4 óbitos; e 1967 — em 5 casos, houve 2 óbitos.

Infelizmente, porque, já no ano de 1968, ao contrário do que seria para esperar, as populações têm esquecido os apelos que lhes são continuamente dirigidos pelas autoridades sanitárias e não acorrem à vacinação, como seria do seu maior interesse.

Além de haver ainda muitas crianças e jovens, que não receberam sequer a primeira dose de vacina antipoliomielítica, de Sabin, por via bucal, muitas outras deixaram de receber as segundas e terceiras doses, que são absolutamente indispensáveis, para uma boa imunização.

O resultado não se fez esperar — é triste dizê-lo! — e já começaram a registar-se mais casos e óbitos.

Só no primeiro trimestre de 1968 já houve mais casos do que em todo o ano de 1967.

Convencida de que não «brada no deserto», a Direcção-Geral de Saúde vem novamente apelar para todos os pais, a fim de que levem os seus filhos à vacinação.

Ela é muito simples e absolutamente inofensiva, pois é feita com aplicação de três gotas de vacina, pela boca, para cada dose.

Com sacrifício de uns breves minutos, todos os pais podem livrar os seus filhos de uma doença gravíssima, que os pode matar ou deixá-los inutilizados para a vida, paralíticos ou deformados.

Há Postos de Vacinação por toda a parte! Nas Delegações ou Subdelegações de Saúde, nos Dispensários do Instituto Maternal e em milhares de Postos de Vacinação, espalhados por muitas das freguesias do País.

Não percam tempo! Levem depressa os vossos filhos a vacinar! Não queiram que, por vossa culpa, eles possam vir a ter a paralisia infantil!

Agradecimento

JOÃO DE MORAIS GAMELAS

A família do saudoso extinto, na impossibilidade de o fazer pessoalmente por falta de endereços, vem, por este meio, agradecer muito reconhecidamente, a todas as pessoas que, de algum modo, lhe manifestaram o seu pesar, pedindo desculpa por qualquer falta involuntàriamente cometida.

CINE-TEATRO AVENIDA

Cartaz dos Espectáculos

Sábado, 19 (à tarde e à noite) — MÚSICA NO CORAÇÃO, com Julie Andrews, Christopher Plummer e Eleonor Parker.

Para maiores de 12 anos

Domingo, 20 — (à tarde e à noite) — DOZE INDOMÁVEIS PATIFES, com Lee Marvim, Ernest Borgnine e Charles Bronson.

Para maiores de 17 anos.

Terça-feira, 22 (à noite) — COMISSÁRIO X ACÇÃO EM CEILÃO, com Tony Kendal, Brad Harris e Barbara Frey.

Para maiores de 12 anos.

Serviços Municipalizados de Aveiro

AVISO

Por motivo de trabalhos urgentes a efectuar na rede de distribuição de energia eléctrica destes Serviços Municipalizados, nas Rua de Ílhavo, Travessa da Fonte dos Amores, Rua das Pombas, E. N. 109 até à fábrica Dankal e Estrada de Aradas até à Rua da Agra, avisam-se os Ex.mos consumidores de energia eléctrica de que será interrompido o fornecimento, no próximo domingo, dia 20, das 8 às 12 horas.

Prevendo-se a possibilidade de ligar a corrente antes daquela hora, TODAS AS INSTALAÇÕES DEVEM SER CONSIDERADAS, para efeito das precauções a tomar, como estando PERMANENTEMENTE EM CARGA.

Aveiro, 15 de Outubro de 1968

O Engenheiro-Chefe dos Serviços Técnicos de Electricidade,
a) — *Basílio da Rocha Martins Junior*

Para um diálogo vivo

Continuação da primeira página

o nosso espírito crítico». Não é nas águas do oportunismo que vamos abrir brechas nas pedras; não é ferindo o tronco da árvore que lhe arrancamos a raiz.

A verdade, é que nessa sociedade, a cultura tende, preferentemente, a explorar certos instintos primitivos das massas ou responder à necessidade de escape que sente quem o ritmo de vida uniforme e rotineiro marca e determina. Mas olhemos à nossa volta: a maioria do público de cinema das noites de sábado é constituída por trabalhadores de modesta condição e diminuta cultura. O que se lhes oferece? Filmes com receitas milagrosas de heróis do gatilho, romancezinhos amorudos do galã sedutor e da rapariga ingénua, coitadinha; fantasmas, lobisomens, dramalhões de faca e alguidar, tudo polvilhado com o máximo de fogo de artifício e imbecilidade. E a literatura com maior saída nas tabacarias, qual é? Livrinhos excitantes e sentimentalões, onde não podiam faltar as fotonovelas mui, mui cor de rosa. E a música? E a pintura? E, e o teatro? Quem tiver dúvidas, compare o fracasso comercial de «A Louca de Chaillot» com o bojudo êxito de «O Comprador de Horas».

Neste contexto, é inevitável que não vislumbremos toda uma mistificação, os interesses que se desenham por detrás desta cultura de plástico, *quebradiça, embaciada, oca. E, se não, reparemos que os* faraós, *verdadeiramente, não prendem as mãos aos que, colocando tijolo sobre tijolo, vão construindo as casas, as ruas, os jardins, o futuro. Antes mascaram e velam o pesado braço de ferro que impõe a mentira. Facilitam, fomentam mesmo, as iniciativas que não comprometam a quietude dos conceitos, a serenidade das estátuas, a virgindade do mistério — a obscuridade, o silêncio, o imobilismo, a permanência. Que o vento estremeça as flores, mas as não arranque; que a faísca rompa a noite, mas a não ilumine; que o trovão estilhace o silêncio, mas o não quebre.*

Mas esta cultura inofensiva, que não deixa de seduzir certas boas intenções, ocupar a ociosidade de alguns génios *incompreendidos, e a quem a Academia devota a sua preciosa atenção e chorudos prémios; que se formaliza em interessantes arabescos vanguardistas e se liquefaz em mesuras a 90°; que se entrega a um ridículo servilismo, e se move, tímida, entre sentenças indiscutíveis e plateias magras e benévolas, que se pode ganhar com ela? que podemos esperar dos seus promotores?*

Decorre, portanto, da clara dissecação das estruturas anquilosantes deste tipo de sociedade, onde todo um processo cultural fràgilmente se desenvolve, podermos formular a função da Arte, e determinarmos a responsabilidade do artista no que se refere às relações que envolvem, conjuntamente, a Arte e a transformação social indispensável para a sua dignificação e autenticidade.

Frizemos, portanto, que quem propenda a separar, hermèticamente, a realização artística da situação social em que toma corpo, está a alienar uma realidade sem a qual a Arte ganha um aspecto gratuito e um tom académico, que a diminuem e, a breve trecho, a corrompem. Aventar-se-á que a Arte, como linguagem que é, não se pode «situar» num tempo fixo, sob o risco de compartimentar o todo que se constitui; adulterar-se-ia, limitada a sua projecção por uma capa rígida, que, embora explicando concretamente a situação na qual se objectivou, *nega ou obscurece uma interioridade que resta sempre para além de qualquer análise exaustiva. Indefinível, portanto, na impossibilidade de enformarmos a criação artística num espaço isolado, dissecá-la até a esgotar. E isto, porque se surgisse transparente, seria falsa; porque se surgisse como adequação da realidade não seria Arte. Porque a Arte não responde, porgunta; porque não obscurece, ilumina; porque não reflecte apenas, antecipa; porque não vela, revela. Porque, como expressão estética duma tensão homem-mundo, como re-criação do movimento cósmico, «tenta descobrir» — como diz Max Bense referindo-se à literatura — «fazer-nos experimentar — pois a literatura é evidentemente veículo de experiências físicas e metafísicas — equívocos espirituais dos quais tenta desembaraçar--nos». No sentido da criação de uma estética que, quando esclarecesse «igualmente os problemas da literatura e da filosofia», citando de novo Max Bense, incorresse na compreensão do «ser da liberdade de um mundo que, em tudo o mais, é rígido».*

Resulta, assim, errado, querer-se extrair-lhe a ferros, um vanguardismo que lhe está no cerne. Só porque é vanguarda não cai com os impérios, permanece como projecção da sua existência no tempo, explica-os. Mas ainda neste ponto, temos de distinguir a vanguarda que antecipa, que revela a realidade, que rasga o futuro, dum certo formalismo, jovial, mas trôpego, que as mais das vezes, ao quebrar um convencionalismo entediante, não o contesta nem contribui em nada para a sua destruição. Entendemos agora Ernst Fischer quando diz: «A função da Arte não é a de arrombar portas abertas, mas a de abrir portas fechadas».

O que não podemos, todavia, e a par disto, é rodear a criação artística dum halo de transcendentismo celestial e metafísico, autonomizando-a e distanciando-a duma praxis, *fruto da acção do homem no mundo.*

JORGE SARABANDO MOREIRA

O Problema Viário

Continuação da última página

do exterior para o interior.

Neste passo, o Arq.º José Semide explanou, largamente e proficientemente, à vista de numerosos planos, o projecto de remodelação e ampliação viária, justificando convincentemente as vantagens dos traçados camarários, com vista já a uma previsão, a longo prazo, de uma planificação de todo o território concelhio. Trata-se de um trabalho consciencioso̒íssimo, sendo de admirar — e de louvar! — que tão complexo e exaustivo estudo se tenha realizado apenas desde Outubro do ano transacto até Agosto deste ano.

Aproveitando os pontos de vista das entidades superiores, o Plano Director, na sua actual remodelação, pretende alcançar o entroncamento com a *Variante* por acessos que, fugindo aos embaraços ferroviários, e outros, e respeitando estimáveis zonas com possibilidades de imediata urbanização, deixem núcleos definidos para utilização habitacional e industrial, designadamente ao longo e nas proximidades da linha do caminho de ferro, sem com ela interferirem.

Cada dia que passa sem uma *certeza* sobre o traçado viário é entrave para o desenvolvimento da construção e do correspondente equipamento colectivo. Problema número um, a que se subalternizam todos os fundamentais aspectos do progresso regional, impõe-se a urgente apreciação do minucioso estudo camarário, há dias apresentado às competentes entidades superiores: poucos são já os terrenos ainda livres que permitem antever o futuro desenvolvimento da rede de acessos — e as demoras certamente determinariam nma retardadora especulação fundiária, com todas as deploráveis consequências; aliás — acentue-se — a conclusão dos planos parciais, em curso, da cidade e do concelho, está na dependência das vias de comunicação.

Confiamos plenamente em que às diligências do Município aveirense corresponderão, sem detença, o zelo, a compreensão, o saber e a celeridade das superiores instâncias.

Santa Casa da Misericórdia

Assembleia Geral Extraordinária

Em conformidade com o § 2.º do Art.º 27.º e para os efeitos do n.º 5 do Art.º 29.º do Compromisso desta Santa Casa da Misericórdia, convido os seus Ex.mos Associados para uma reunião da Assembleia Geral Extraordinária desta Santa Casa da Misericórdia, a efectuar no próximo dia 29 de Outubro pelas 21 horas, com o seguinte objectivo:

Autorizar e conferir os poderes necessários à Mesa Administrativa, para ceder por venda ao Estado, por interferência da Comissão de Construções Hospitalares ou outra qualquer entidade que o represente, até 6 500 metros quadrados de terreno pertencente a esta Santa Casa da Misericórdia, onde funcionam as suas instalações Hospitalares, à Avenida Artur Ravara, pela quantia de trezentos contos, terreno que se destina à construção do novo Hospital Regional de Aveiro.

Nos termos do Art.º 25.º e seu § único, se, à hora indicada não estiverem presentes a maioria dos associados, esta Assembleia Geral Extraordinária funcionará passada uma hora com qualquer número de associados.

Tratando-se de um assunto do maior interesse, quer para esta Instituição, quer para esta cidade, quer ainda para este concelho, solicita-se a comparência dos Ex.mos Associados.

Aveiro, 10 de Outubro de 1968

O Presidente da Assembleia Geral,
Dr. António Fernando Rendeiro Marques

ARCA DE ANTIGUIDADES

Continuação da última página

as suas ondas prateadas; com vista para o oceano, de que apenas a separa uma lagoa de vista formosíssima; cercada de aprazíveis quintas, e de sítios amenos e deleitáveis em todas as estações do ano; Aveiro está destinada, se a barra melhorar, e a via férrea se fizer, a ser uma das cidades mais florescentes e crescidas da monarquia. Pátria de homens notáveis, de pregadores insignes, de exímios oradores, de poetas afamados, de advogados ilustres, de médicos sapientíssimos — os seus anais regorgitam de factos memoráveis na história de Portugal. Aqui veio terminar os seus infaustos dias aquela santa princesa, filha do rei Afonso V, encerrada no recinto claustral das monjas de Jesus, onde ora se vê o seu riquíssimo jazigo. Este monumento é, fora de contestação, — se exceptuarmos uma capela da Batalha e a formosa peça de S. Roque, — o mais belo e grandioso espécimen da arte do mosaico em Portugal. Está posto no centro do coro interior das monjas. A capela é obrada em madeira, artística e graciosamente lavrada e entalhada, e toda coberta de ouro. O convento de Jesus já teve a sua época de luzido esplendor, quando a festa da santa princesa durava três dias plenos, com seus sermões de trinta moedas cada um. Hoje está em completa decadência. Nem festa, nem sermões, nem pregadores freiráticos, nem monjas graciosas por detrás das grades douradas. Habitam-no, apenas, dez almas errantes de freiras já provectas, cuja vida passa em oração em torno do monumento da princesa santa.

Ali as deixaram as revoluções do mundo, ali as virá encontrar a bem-aventurança; e o convento histórico será então, como tantos outros, indigna presa de vândalos ou agiotas.

Defronte, a igreja de S. Domingos, onde jaz o monumento da única mulher querida do maior poeta português. Sorte fatalíssima destes grandes génios, que sempre o mundo os há-de vir encontrar em seus mais altos voos, como para os obrigar a deixarem da sua existência um rasto luminoso e desventurado. Safo precipita-se de um rochedo, e morre abraçada com a sombra do amigo que a deixara. Altos e misteriosos amores palacianos levam o triste Ovídio desterrado para os Getas. Tão alto e menos misterioso afecto fez sucumbir o Tasso numa masmorra escura. Camões foi tão infeliz como todos estes. Apaixonou-se loucamente por D. Catarina de Ataíde, donzela fidalga, que em seu tempo servia na corte, e ela, segundo é de ver nas poesias que o poeta lhe dedica, correspondia-lhe com igual e extremosa afeição. Queixaram-se os pais do atrevimento inaudito, e Camões foi de caminho desterrado para a Índia. Quando voltou achou-a casada e morta. Os sentidíssimos versos que lhe inspirou tamanha perda nunca serão igualados:

Alma minha gentil que te partiste...

Escusamos citar o soneto que todos sabem de cor. O nome de Natércia terá de atravessar os séculos unido à imortal glória do poeta. A data da morte, inscrita no moimento, é de 1551. Está junto do altar-mor, à esquerda, tão preciosa e memorada relíquia.

Além destes, muitos outros monumentos históricos subsistem em Aveiro, antigos e modernos, como são os restos arruinados do antigo palácio dos seus duques, o belíssimo cais construído por um desembargador, e o paredão da barra, obra notável do engenheiro Oudinot.

A cidade era servida por uma barra que demora mais para o sul da actual, e em péssima situação. Oudinot estudou o local mais apropriado, fez um paredão, e em dia aprazado, no sítio conveniente, traçou com o pé um rego por onde apenas corria um débil fio de água, e duas horas depois a nova barra estava aberta.

Mas não foram as recordações históricas, nem os antigos monumentos, nem a barra de Oudinot, nem o cais do desembargador, que fizeram dar a Aveiro o nome de Paris descalço.

Foi a tricana, esse tipo imortal da beleza popular. Percorrei o reino inteiro, e não encontrareis formosuras como neste pequeno canto de Portugal. Olhos vivos, alegres e travessos, dentes de uma alvura de jaspe, incomparáveis, feições regularíssimas, o corpo estatuário.

A tricana é positivamente um enxerto da Geórgia ou da Circássia. Assim o afirmam os que se dão a essa espécie de espinhosas averiguações. Com um talento decidido para toda a casta de artes, em nenhuma parte ouvireis mais afinadas e sentidas cantigas populares, como em nenhuma vereis mais graciosas e requebradas danças. O Ai Jazus, de uma originalidade incomparável! Qual Romilda, nem qual Cappom, nem qual Constanza, nem qual teatro de S. Carlos!? Aconselhamos ao janota de Lisboa que se desprenda desse hábito grosseiro e absurdo de habitar sempre na capital, e faça uma volta pelas províncias até Aveiro, se quer regalar por uma vez os olhos e os ouvidos. Deixem esses pasmatórios perpétuos do Marrare nojento, e do Passeio Público, e venham aqui refocitar os seus instintos artísticos.

Uma só tricana, com sua saia de pano azul finíssimo, com a sua capa gentil e graciosa, com o lenço de seda lavrado a cobrir-lhe dos raios do sol as dinas ondas dos seus abundantes cabelos, vale — a conta foi feita por bom entendedor, — vinte das mais aperaltadas e dengosas janotas da capital. Agora acrescentai que, com tanto de uma vida dura e cortada de trabalho, o seu trato é por extremo polido e delicado, as maneiras palacianas, o conversar finíssimo e espirituoso. A tricana é o enlevo dos olhos. Isto vem da raça.

THOMAZ DE CARVALHO

Crónicas de Cinema

Continuação da última página

dade o desaparecimento (que o parece) do Cine-Clube de Aveiro.

O problema dos lapsos de qualidade de grande parte dos filmes exibidos entre nós não reside exactamente na falta de critério das Direcções dos respectivos cinemas. Se são casas comerciais, sujeitas a lucros e perdas, é evidente que tentarão conseguir lucros. E os lucros... conseguem-se com a exibição de mediocridades.

O pouco que poderemos apontar não será totalmente dirigido à empresa exploradora, mas, na sua maior parte, ao público — a nós mesmos.

Sabemos não ser muito *coerente* exigir-se a vinda de filmes que se sabe irem dar prejuízo. No que respeita ao cinema português, se não forem as em tudo tristes fitas de cordel, com o Calvário e a Madalena a casarem-se no fim, está tudo tramado. O *novo cinema português,* por onde pára ele? Ainda em recente entrevista publicada no SL n.º 532 do Diário de Lisboa, o realizador Fernando Lopes, a propósito do seu novo trabalho («Uma abelha na chuva», extraído da narrativa homónima de Carlos de Oliveira), explicava: «Estou convencido que o filme tem bastante mais defesa que o *Belarmino.* (...) Temos umas possibilidades de defender o filme mesmo fora do país. (...) Ou principalmente até fora do país.»

Assim, o novo cinema de valor — que o temos! — não é para nós: sai. Mais uma vez o velho provérbio se justifica: santos da porta não fazem milagres.

Quando teremos aqui em Aveiro um *Belarmino,* um *Mudar de Vida?*

Estará o *novo cinema português* condenado à exibição exígua de meia dúzia de casas de Lisboa e do Porto — e à exportação?

ARTUR FINO
JÚLIO HENRIQUES

Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro

ANÚNCIO

2.ª publicação

Pela 1.ª secção do 2.º Juízo desta comarca e nos autos de habilitação de cessionários requeridos por João Agostinho, também conhecido por João Agostinho Portugal, e mulher, Maria do Rosário de Almeida Rato, ele comerciante e ela doméstica, residentes em Costa Nova, e Beatriz de Oliveira Bichão, separada judicialmente de bens, doméstica, também moradora em Costa Nova, contra João Agostinho da Costa, casado, com a última residência conhecida em Carregal — Requeixo, desta comarca, actualmente ausente em parte incerta do Brasil, e outros, é, por este meio, citado aquele João Agostinho da Costa para, no prazo de oito dias, que começa a ser contado decorridos que sejam trinta dias da dilação fixada, esta com início na data da publicação do segundo e último anúncio, contestar, querendo, a aludida habilitação, deduzida pelos mencionados requerentes, pela qual os mesmos pretendem ser colocados na posição do citando e de sua mulher, Lúcia Ferreira Eugénio, na sua qualidade de interessados herdeiros, na herança do inventariado António Agostinho Portugal, que foi da Costa Nova, nos autos de inventário facultaóbito deste e de Beatriz Clara, de que a habilitação acima referida é apenso.

Aveiro, 8 de Outubro de 1968

O Juiz de Direito do 2.º Juízo,

ABEL PEREIRA DELGADO

O Escrivão de Direito,

LUIS HENRIQUE FERREIRA

Litoral — Ano XV — 19-10-68 — N.º 728

Emregada de Escritório

— precisa-se, com alguma prática, para fora de Aveiro. Fornece-se transporte grátis a partir de Esgueira.

Telefone 94 167.

Teixeira, Mendes & C.ª, L.da

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Segundo Cartório

Certifico que por escritura de 24 de Setembro de 1968, inserta de fls. 39 v.º a 41 v.º, do L.º B N.º 68, deste cartório, os sócios da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, Teixeira Mendes & C.ª L.da, com sede em Aveiro na Rua Eng.º Oudinot n.os 22 a 24-A, (freguesia da Vera-Cruz) alteraram o Art.º 4.º do pacto social que ficou a ter o texto seguinte:

Art.º 4.º — A gerência, dispensada de caução, incumbe ao sócio José Teixeira Duarte Bicho, que por si só obriga a sociedade.

Está conforme ao original.

Aveiro, 30 de Setembro de 1968

O Ajudante,

Luís dos Santos Ratola

Litoral — Ano XV — 19-10-68 — N.º 728

Manuel António & Filhos, L.da

SECRETARIA NOTARIAL DE AVEIRO

Segundo Cartório

Certifico que por escritura de 25 de Setembro de 1968, inserta de fls. 43 a 45 do livro B N.º 68, deste cartório, entre Armando António, Manuel António e Joaquim de Azevedo Maia, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada nos termos seguintes:

Primeiro — A sociedade adopta a firma «MANUEL ANTÓNIO & FILHOS, LIMITADA»; terá a sede na Rua Hintze Ribeiro, número oitenta e seis, na freguesia da Vera-Cruz, concelho de Aveiro; e durará por tempo indeterminado, com início do dia vinte e cinco de Setembro de mil novecentos e sessenta e oito.

Segundo — O objecto social consiste na indústria de transportes em automóveis, designadamente com veículos em regime de aluguer; e poderá ainda dedicar-se a sociedade a qualquer outro ramo de indústria ou comércio em que os sócios venham a acordar.

Terceiro — O capital social é de cento e cinquenta contos, já integralmente realizado em dinheiro, e está representado por três quotas iguais, uma de cada sócio.

Quarto — A gerência, dispensada de caução, incumbe a todos os sócios, e a sociedade obriga-se vàlidamente mesmo em actos de alienação de veículos automóveis mediante a assinatura de dois deles, pelo menos.

Quinto — A cessão de quotas é livre entre os sócios; mas a favor de estranhos só pode realizar-se mediante o consentimento da sociedade.

Sexto — Se a lei não exigir outras formalidades, as reuniões da assembleia geral serão convocadas por cartas registadas expedidas com a antecedência mínima de oito dias.

Sétimo — A sociedade não se dissolve por morte ou interdição de qualquer dos sócios; mas os herdeiros do falecido terão de designar um dentre eles para os representar a todos nela, enquanto a respectiva quota se mantiver indivisa.

Oitavo — Dissolvendo-se a sociedade, a assembleia geral nomeará os liquidatários e fixará a forma da liquidação.

Assim o outorgaram, tendo sido prevenidos de que este acto terá de ser submetido a registo dentro de três meses.

Arquivo a referida procuração e uma certidão passada pela Conservatória de Registo Comercial de Aveiro.

Está conforme ao original, nada havendo na parte omitida em contrário ou além do que aqui se narra.

Aveiro, três de Outubro de mil novecentos e sessenta e oito.

O Ajudante,

Luís dos Santos Ratola

Litoral — Ano XV — 19-10-68 — N.º 728

REGISTO

Resultados da 6.ª jornada:

FAMALICÃO — BOAVISTA . 4-2
BEIRA-MAR — A. DE VISEU 3-0
SALGUEIROS — COVILHÃ . 3-0
PENAFIEL — ESPINHO . . . 2-1
TORRES NOVAS — LEÇA . . 2-0
TRAMAGAL — TIRSENSE . . 2-0
GOUVEIA — VALECAMBREN. 1-0

Mapa de pontos:

	I.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Salgueiros	6	4	1	1	13-3	9
Boavista	6	4	1	1	16-9	9
BEIRA-MAR	6	4	0	2	12-6	8
Famalicão	6	4	0	2	14-9	8
Tramagal	6	3	1	2	11-10	7
Gouveia	6	3	1	2	5-8	7
A. Viseu	6	3	0	3	8-8	6
T. Novas	6	2	2	2	7-7	6
Tirsense	6	2	2	2	6-7	6
Penafiel	6	2	2	2	6-7	6
Leça	6	3	0	3	8-10	6
Valecambr.	6	1	2	3	6-10	4
Espinho	6	1	0	5	5-12	2
Covilhã	6	0	0	6	4-15	0

Próximos jogos (3 de Novembro):

FAMALICÃO — BEIRA-MAR
A. DE VISEU — SALGUEIROS
COVILHÃ — PENAFIEL
ESPINHO — TORRES NOVAS
LEÇA — TRAMAGAL
TIRSENSE —GOUVEIA
BOAVISTA — VALECAMBRENSE

SECÇÃO DIRIGIDA POR ANTÓNIO LEOPOLDO

Basquetebol

CAMPEONATOS DE AVEIRO

I DIVISÃO

A prova principia esta noite, com desafios em Aveiro (Rinque do Parque) e em Ílhavo, defrontando-se:

GALITOS — ESGUEIRA
ILLIABUM — SANJOANENSE

Fica de folga a turma do Sangalhos, detentora do título aveirense.

JUNIORES e JUVENIS

No prosseguimento destes torneios, a segunda jornada proporcionou os seguintes desfechos:

Juvenis

GALITOS — SANGALHOS . . 37-16
ESGUEIRA — BEIRA-MAR . . 52-4
ILLIABUM — SANJOANENSE . 43-20

Mapa de pontos:

	J.	V.	D.	Bolas	P.
Esgueira	2	2	0	114-32	6
Illiabum	2	2	0	80-34	6
Galitos	2	2	0	71-42	6
Sangalhos	2	0	2	44-99	2
Beira-Mar	2	0	2	28-89	2
Amoníaco	1	0	1	26-34	1
Sanjoanense	1	0	1	20-43	1

Juniores

GALITOS — SANGALHOS . . 55-32
ESGUEIRA — BEIRA-MAR . . 64-9
ILLIABUM — SANJOANENSE . 51-15

Mapa de pontos:

	J.	V.	D.	Bolas	P.
Illiabum	2	2	0	109-23	6
Esgueira	2	2	0	106-40	6
Galitos	1	1	0	55-32	3
Sangalhos	2	0	2	63-97	2
Beira-Mar	2	0	2	17-122	2
Sanjoanense	1	0	1	15-51	1

Jogos para amanhã:

BEIRA-MAR — GALITOS
SANGALHOS — AMONÍACO
SANJOANENSE — ESGUEIRA

FUTEBOL

Campeonato Nacional da II Divisão

Beira-Mar, 3
A. Viseu, 0

Apontamentos de JOÃO AFONSO

Jogo no Estádio de Mário Duarte, sob arbitragem do sr. António Costa, da Comissão Distrital do Porto.

Os grupos apresentaram-se assim constituídos:

BEIRA-MAR — José Pereira; Bernardino, Joca, Marçal e Marques; Abdul e Colorado; Amaral, Cleo, Eduardo e Almeida.

A. VISEU — Pais; Vitor; Aleixo, Piscas e Beto; Abraão e Osvaldo Silva; Pedro, Basto, Rodrigo e Paxim.

Após o reatamento, os visienses apresentaram-se com Madeira, no posto de Pedro; e, aos 58 m., Saraiva ocupou o lugar de Beto.

No Beira-Mar, aos 65 m., saiu Eduardo, entrando Sousa.

*

1-0 — Aos 39 m., por Abdul, de grande penalidade, assinalada para castigar uma prisão do guarda-redes Pais a Almeida, quando este corria isolado, já dentro da área.

2-0 — Aos 60 m., por AMARAL, que, num golpe de cabeça, se antecipou ao *keeper* visiense, no desenvolvimento de um livre apontado por Almeida, após falta cometida sobre si mesmo por Saraiva.

3-0 — Aos 71 m., por CLEO. Lançado por Sousa, e ante a passividade da defesa contrária, o brasileiro infiltrou-se muito bem, driblou Aleixo e Pais e fez o tento final.

*

A Académico de Viseu cedo mostrou a intenção de jogar em contra-ataque; e o Beira-Mar — que entrou em toada francamente ofensiva — manteve-se até ao final do desafio em posição de notória supremacia.

Desperdiçando, logo aos 2 m., um magnífico ensejo de golo, que Cleo não concretizou, o Beira-Mar veio a sentir dificuldades para traduzir numèricamente o seu ascendente. Os beiramarenses, embora atacando com insistência, faziam-no de forma confusa e desajeitada; e, tendo marcado de *penalty* antes do intervalo, só vieram a ficar tranquilos, à passagem do primeiro quarto de hora do segundo tempo, quando os números subiram para 2-0. Um novo tento veio a premiar os aveirenses, nesta sua merecidíssima vitória, num período em que tudo já estava decidido.

Aos 63 m., o visiense Saraiva foi expulso, por ter pontapeado Eduardo, quando o beiramarense já se encontrava sem o esférico. Saraiva havia entrado em jogo cinco minutos antes... Lamentável o seu comportamento.

*

Nos aveirenses, salientamos o trabalho de Joca, Abdul e Eduardo. Entre os visienses, distinguiram-se Piscas, Osvaldo Silva e Rodrigo.

*

O sr. António Costa produziu trabalho muito fraco: não observando a lei da vantagem, e procurando apitar a tudo, prejudicou nítida e sistemàticamente a turma beiramarenses e, como é óbvio, beneficiou em larga escala os academistas.

PROGNÓSTICOS DO CONCURSO N.º 8 DO «TOTOBOLA»

27 de Outubro de 1968

N.	CLUBES	1	x	2
1	PORTUG. — ROMÉNIA	1		
2	Chaves — Vila Real	1		
3	Mirandela — Vizela		x	
4	Lamas — Feirense	1		
5	Naval — Marinhense	1		
6	Algés — Casa Pia		x	
7	U. Leiria — Ferroviário	1		
8	Odivelas — Nazarenos	1		
9	Beja — Grandolense	1		
10	Farense — C. Piedade	1		
11	Olhanense — Juventude	1		
12	Ferroviário — Caála	1		
13	Textáfrica — Fer. Beira	1		

Sumário Distrital

Principia amanhã o Campeonato Distrital da I Divisão, primeira prova oficial da Associação de Futebol de Aveiro na época em curso.

Na ronda de abertura, temos este programa:

PAÇOS DE BRANDÃO — ALBA
S. JOÃO DE VER — ANADIA
OVARENSE — ESTARREJA
PEIÃO — VALONGUENSE
BUSTELO — CUCUJAES
PAIVENSE — RECREIO
ESMORIZ — ARRIFANENSE
OLIV. DO BAIRRO — CESARENSE

Ciclismo

Campeonato de Rampa

Para apuramento dos representantes da Associação de Ciclismo de Aveiro no próximo Campeonato Nacional — marcado para 26 e 27 do corrente, justamente na região aveirense —, começou a disputar-se, no domingo, o Campeonato Regional de Rampa.

Estiveram presentes apenas ciclistas, «profissionais» e «amadores», do Sangalhos — que amanhã disputarão a segunda e decisiva prova do torneio.

A corrida efectuou-se no Luso, apurando-se os seguintes resultados:

PROFISSIONAIS — 1.ºs — Joaquim Andrade e Herculano de Oliveira, ambos com 3 m. 34 s.; 3.º — Lino Santos, 3 m. 42 s.; 4.º — Celestino de Oliveira, 3 m. 48 s.; 5.º — Albino Mariz, 3 m. 50 s.; 6.º — Norberto Duarte, 4 m. 10 s.

AMADORES — 1.º — Manuel Lopes, 3 m. 50 s.; 2.º — Lineu Santos, 3 m. 56 s.

Amanhã, primeira «mão» da

TAÇA DE PORTUGAL

Os três Campeonatos Nacionais em curso vão ser interrompidos amanhã, dando lugar à disputa dos jogos da primeira eliminatória da TAÇA DE PORTUGAL.

Este ano, e de início, participam apenas equipas da II e da III Divisões, disputando-se os desafios numa só «mão». O programa geral da eliminatória inaugural ficou assim ordenado:

Riopele — Tirsense
Sarilhense — Algés
Lusitano — Faro e Benfica
U. Leiria — LUSITANIA
Torres Novas — Aves
Leça — Penafiel
ESPINHO — Olhanense
Almeirim — Vildemoinhos
Fafe — Oriental
Barreirense — OLIVEIRENSE
A. Viseu — Famalicão
Ferroviários — U. Montemor
«Os Leões» — Marialvas
LAMAS — Luso
Sesimbra — Portimonense
Alhandra — Odivelas
Vasco da Gama — Rio Ave
Gouveia — Marinhense
Chaves — Sacavenense
Juventude — Casa Pia
Almada — Est. Portalegre
Nazarenos — Aljustrelense
Farense — Salgueiros
Lamego — Grandolense
Bragança — Naval
Celoricense — Mortágua
U. Coimbra — BEIRA-MAR
Vianense — Boavista
Vila Real — Mirandela
Vizela — VALECAMBRENSE
Covilhã — Pinhelenses
Guarda — Seixal
Sintrense — Torriense
FEIRENSE — S. Pedro da Cova
Peniche — Lusitano
Gil Vicente — Beja
Montijo — Cova Piedade

Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro

ANÚNCIO

2.ª Publicação

Pela 1.ª Secção do 2.º Juízo deste Tribunal, e nos autos de Habilitação de Cessionário requeridos por Lucinda Clara Agostinho Portugal, doméstica, e marido, Francisco Morais, comerciante, residentes em Costa Nova do Prado, desta comarca, contra João Agostinho da Costa, casado, com a última residência conhecida em Carregal — Requeixo, desta comarca, actualmente ausente em parte incerta do Brasil, e outros, por apenso aos autos de inventário facultativo a que se procede por óbito de António Agostinho Portugal e mulher, Beatriz Clara, que foram da Costa Nova do Prado, fica, por este meio, citado o referido João Agostinho da Costa, para no prazo de oito dias, contado decorridos que sejam trinta dias da dilação fixada, esta contada após a segunda e última publicação deste anúncio, contestar, querendo, a habilitação aludida, deduzida pelos referidos requerentes Lucinda Clara Agostinho Portugal e marido, pela qual os mesmos pretendem ser colocados na posição do citando, na sua qualidade de interessado herdeiro na herança do inventariado António Agostinho Portugal no inventário acima identificado.

Aveiro, 3 de Outubro de 1968

O Juiz de Direito,
ABEL PEREIRA DELGADO

O Escrivão de Direito,
LUIS HENRIQUE FERREIRA

Litoral — Ano XV — 19-10-68 — N.º 728

Tribunal Judicial da Comarca de Aveiro

ANÚNCIO

1.ª Publicação

No dia 25 de Novembro próximo, pelas 14.30 horas, no Tribunal desta comarca e nos autos de execução sumária que a exequente Neves & Capote, Limitada, Sociedade por quotas, com sede em Ílhavo, move ao executado João Martinho de Oliveira, solteiro, maior, residente em Versailles — França, há-de proceder-se à arrematação em hasta pública do imóvel a seguir indicado, penhorado ao executado, o qual será entregue a quem maior lanço oferecer acima do valor por que será posto pela 1.ª vez em praça e que adiante se refere.

IMÓVEL A ARREMATAR:

Uma casa de habitação e seu terreno, sita na Rua das Leirinhas, da freguesia de Aradas, concelho de Aveiro, que parte do norte com António da Cruz Martinho, do sul com João da Conceição, do nascente com vala de água e do poente com aquela rua.

Vai à praça no valor de 6 080$00.

Aveiro, 14 de Outubro de 1968

O Juiz de Direito do 2.º Juízo,
Abel Pereira Delgado

O Escrivão da 1.ª Secção,
Luís Henrique Ferreira

Litoral — Ano XV — 19-10-68 — N.º 728

Aveiro na I e na III Divisão

● No torneio maior, a SANJOANENSE conquistou, no domingo, o seu primeiro triunfo, expresso em 1-0 diante do Sporting de Braga. A turma de S. João da Madeira subiu um lugar na tabela (de penúltimo para 12.º), mas continua em situação deveras ingrata e inquietante.

● No Campeonato Nacional da III Divisão, Zona B, os resultados da segunda jornada foram os seguintes:

Vildemoinhos — Marialvas . . . 2-1
Mortágua — LAMAS 0-5
FEIRENSE — OLIVEIRENSE . . 4-0
Guarda — União de Coimbra . . 2-3
Lamego — Celoricense 2-1
Pinhelenses — LUSITANIA . . . 1-2

Tabela classificativa actual:

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Lamas	2	2	0	0	9-1	4
U. Coimbra	2	2	0	0	5-3	4
Lusitânia	2	2	0	0	3-1	4
Feirense	2	1	0	1	5-2	2
Marialvas	2	1	0	1	4-2	2
Lamego	2	1	0	1	2-2	2
Oliveirense	2	1	0	1	4-5	2
Vildemoinhos	2	1	0	1	3-5	2
Celoricense	2	0	1	1	2-3	1
Guarda	2	0	1	1	3-4	1
Pinhelenses	2	0	0	2	1-9	0
Mortágua	2	0	0	2	1-9	0

CRÓNICAS de CINEMA

Pelos «écrans» de

«O ÚLTIMO COMBOIO PARA KATANGA»

ARTUR FINO • JÚLIO HENRIQUES

O culto do herói, pois, o cinema é um mãos rotas a esbanjar heróis, já lá vai o tempo em queles távam pelo preço da morte, agora são cozinhados com requinte e fornecidos em doses substanciais, aqui eram variadíssimos, mas os principais eram o Curry e o Ruffo, que raio de nomes, benza-os Deus!, o número um era o Curry, quera branco e o Ruffo era o número dois, pruquera preto, formidáveis, dois bons, mercenários especiais, o primeiro um duro cafinal era sentimentalão, até pracia o Tony de Matos, mas disfarçava, o segundo dizia que lutava pela terra, mas ganhava guita que se fartava, confidencialmente adiantamos prajá questes dois iam receber 50 000 dólares,

e a história, muito muito superficial, bem, os dois heróises foram contratados por conta do senhor presidente do Congo pra matar pessoas, este presidente era muito simpático puracaso, eles tinham quir buscar muita gente questava numa povoação distante, antes cus terroristas, queram maus, aprecessem prulá, masafinal num era isso quintressava, eram os diamantes, que num se chegou a saber bem de quem eram, e que valiam 50 milhões,

atão eles, os bons, organizaram o tal comboio, o último, quencheram de mercenários e lá foram, cantando e rindo levados levados sim, prá vida, quer dizer, prá morte,

havia a fêmea, querá Mimmieux, que por imperativo do argumento não podia morrer, prucausa da parte romântica da fita, olaré, de formas que prumera coincidência só ela se salvou do massacre dos terroristas, óspois maizáfrente apareceu um avião quéra da ONU, ó nu!, e que metralhou o comboio sem maizaquélas, vai daí os mercenários, qué claro ganhavam práquelas coisas, mercenariaram o avião, deixaram uns quantos cadáveres no caminho e finalmente, uff!, chegaram à tal terra onde as gentes aclamaram os heróis todos, o Curry, quéra o herói mais bom, saiu em ombros, apareceu o tipo que tinha os diamantes, mas tinha-os num cofre dos bons que só abria daí a 3 horas, prucu velhote, quéra fraco em matéria de cálculos, tinha regulado o automático prás 6 horas e só eram três da tarde, já é preciso ter azar, enfim tristezas, prucausa disso deu uma raivinha ao herói número um, mas isso passou e, como não se podiam desperdiçar tantas horas, arranjaram-lhe um piqueno serviço suplementar: ir a uma missão que ficava a num sabemos quantos quilómetros, pra convencer as freirinhas, tadinhas, e o respectivo padre, tadinho, questavam muito convencidos a trautear

a famosa daqui não saio daqui ninguém me tira, e atão o herói número um era o único, sem similares, que podia safar a onça, de maneiras que, zás!, enfiou-se desalmadamente, cua cachopa, tá claro, pruquela sabia de línguas a potes, tão a perceber?, e óspois foram buscar o dótor pra fazer uma cesariana a uma indígena gravidíssima de todo, coisas cacontecem, mas o dótor era um borrachão incorrigível, e aqui é que não percebemos a marosca muito bem, pruquele conseguiu safar a onça com êxito, encharcado e tudo, enfim, curvemo-nos diante destes fenómenos, ó pródiga Natureza!, mazupior de tudo é que no fim, ó céus!, morreram todos, tadinhos, numa demonstração de heroísmo quinté, excepto, é claro, ele — o-herói, ela — a-heroína, e alguns mercenàriozitos,

e aqui, é inevitável, temos cacabar, as lágrimas sufocam-nos, só queremos transmitir-vos, ó Pacientes Leitores!, a moral da película: o homem não deve andar descalço, porque faz mal aos dentes.

POR ISSO...

A exigência tem de partir de nós, público de cinema. A *preparação* diária feita pela TV tem sido uma larga fonte de deseducação e de fomento de mitos baratos. Os resultados estão à vista: encheu-se o Avenida (com lugares em pé) para a projecção de «O último comboio para Katanga», fita *estrelada* por actores das séries de TV exportadas às toneladas pelos EUA para todo o Mundo, e mais especialmente para os países subdesenvolvidos.

A exigência tem de partir de nós!

Os distribuidores afirmam, com razão, passar os filmes que sabem dar dinheiro, porque, evidentemente, não estão para ter prejuízos só porque meia dúzia de indivíduos deseja ver projectados *filmes de interesse*.

Nós cá pela Província, ressentimo-nos com a falta de cinemas-estúdio (ou de cine-clubes). Aqui, nota-se cada vez com maior acui-

Continua na página cinco

ARCA de Antiguidades

SECÇÃO DIRIGIDA PELO DR. HUMBERTO LEITÃO

O *Campeão do Vouga*, de 31 de Outubro de 1852, publicou o artigo que segue, da autoria do dr. Thomaz de Carvalho, lente da Escola Médica de Lisboa, doutorado em Paris, e que em Aveiro passou o Outono daquele ano na companhia dos seus amigos José Estêvão e Mendes Leite, com quem travara relações de muita intimidade em França, quando do exílio destes ilustres filhos da nossa terra.

Trata-se de um curiosíssimo e autorizado depoimento sobre Aveiro de há 116 anos, não obstante o lapso histórico — aliás crença ao tempo generalizada — de que o túmulo existente no edículo da capela-mor da igreja de S. Domingos (a actual Sé) seria o sarcófago da famosa Natércia de Camões.

AVEIRO-PARIS DESCALÇO

Aveiro é Paris descalço, — assim o disse pessoa de agudo e profundo engenho. De todas as cidades de província esta é decerto a mais policiada e esclarecida. Assente na foz do Vouga, que lhe vem beijar as plantas com

Continua na página cinco

NO LIMIAR DO ANO XV

POR MUITOS... E BONS!

GAZETILHA DE CUCA

Que o «Patrão» conceda a graça
de expandir alguma «treta»
nas folhas desta GAZETA
que honra a IMPRENSA REGIONAL!
«Cristo» (da Terra...) o criou;
e por ter à frente um «Cristo»,
que anda cá em baixo a «ver isto»,
segue ovante o LITORAL.

O «Cuca» também «ser gente»
p'ra desfiar seu rosário,
ao correr do aniversário
do jornalzinho de «truz»!...
Mais um ano a fazer peso;
mas conserva a mocidade,
frescura e vitalidade
com que «Cristo» o «deu à luz».

À roda da Lusitânia
tudo carrila, afinal,
p'ra dar a vida ao jornal
— POR MUITOS ANOS E BONS!
Os «escribas» são dos «fixes»;
nesta «nau» ninguém se teme!
Pudera! Com «Cristo» ao leme,
«afina» em todos os tons.

Não é Cristo da Judeia,
— Cristo-Rei da Galileia
que pela terra passou:
— É um «Cristo» apenas homem,
a quem as lidas consomem,
mas um Homem... «comme il faut».

O Problema Viário

Continuação da primeira página

nizadas ou a definir — no plano das rodovias nacionais, impondo-se a mais útil integração dos acessos a cargo do Município nas estradas do Estado. Resulta daí a necessidade duma prévia coordenação; mas, daí também, as demoras no ajustamento, umas resultantes de inevitáveis estudos, outras de burocráticos atrasos. E, para além do mais — talvez acima de tudo —, surgem, como permanente preocupação, as limitações de custos impostas pelos alinhamentos económicos.

Todavia, uma coisa é certa: Aveiro tem-se desenvolvido a ritmo vertiginoso: basta citar o exemplo — aliás dentro do presente tema — do aumento do tráfego no concelho, que, nalguns pontos, ascendeu a 600 % na década de 1955-65, prevendo-se mais impressionante a cifra de acréscimo, ainda não rigorosamente registável, de então para cá.

O Presidente do Município historiou seguidamente a tramitação do Plano Director da Cidade, deste Janeiro de 1965 — data em que, pela primeira vez, foi submetido à apreciação superior — até 22 de Julho de 1967 — data do despacho ministerial que permitiu à Câmara mais seguro delineamento dos acessos locais. Desde essa altura, o Gabinete de Urbanização multiplicou esforços no sentido de realizar um trabalho de base, tendo em atenção todos os elementos condicionantes duma rede viária ao nível das exigências — e com duas essenciais preocupações: evitar, quanto possível, novos atravessamentos na cidade (com aproveitamento da circunvalação já prevista no Plano Director e superiormente aprovada); garantir acessos directos à zona portuária, simultâneamente tangenciais a esta e à cidade. Mais: as alterações agora introduzidas na inicial concepção do Plano Director tiveram em vista, no aspecto viário, não só a zona citadina, mas também todo o concelho, na medida em que, por um lado, a urbe tende a dilatar-se, e, por outro, ela representa um ponto de grande convergência das superpovoadas zonas suburbanas. Assim, o Plano aparece-nos remodelado quanto aos acessos que do exterior (EE. NN. 230, 235 e 335) ligam à chamada *Variante* (às EE. NN. 16 e 109), intentando-se que os cruzamentos se processem a níveis diferentes, com o aproveitamento dos acidentes naturais do terreno nas interligações

Conclui na página cinco

MAIS UM CAFÉ QUE FECHA...

...e mais um banco que vai abrir-se em Aveiro no sitio dum café. É do sitio, claro — que o sitio, que foi essencial garantia da frequência de afamados cafés, parece ser agora a fundamental preocupação dos bancos para garantia da respectiva frequência. (Nunca compreendemos por que motivo não é válida para os bancos a conhecida história dos srs. Brown e Smith: se o sr. Brown demonstra que há milhões de ratos, potencialmente biliões, e que os ratos destróem a fazenda e ameaçam a saúde; e se o sr. Smith inventou eficaz ratoeira para ratos — todos lògicamente procurarão o sr. Smith, onde quer que seja, ainda que ele se esconda no meio duma floresta... E porque a história não parece válida no caso dos bancos, dir-se-á que os bancos se preocupam, eles próprios, com demonstrar a valia das ratoeiras dispondo-as no caminho dos ratos... Bem: aguardemos a oportunidade de voltar a beber a nossa chicara de café no sitio dos bancos: é só questão de tempo...).

E, agora, muito a sério: ficar-nos-á funda saudade do velho «Arcada» — o sacrificado, desta feita. Ao que nos informam, o começo do próximo ano será o termo das charlas naquele refúgio das quotidianas canseiras dos aveirenses: ali, por mais de um terço de século, tem sido lugar para a fugaz despreocupação de todos os preocupados, na amenidade da inofensiva cavaqueira incensada pelo fumo que ascende e pelo perfume que rescende da porcelana branca. Sim, que esta palavra é, apenas, a antecipação duma saudade — que vai reforçar-se nestes derradeiros meses de 1968.

— Se acertasse no TOTOBOLA, abria logo um Café!
— Um Café?!
— Pois, para o passar a... um Banco...

Desenho de GUERRA DE ABREU

DR. ANTÓNIO CHRISTO

Foi também numa quarta-feira — há cinco anos contados na pretérita quarta-feira, 16, — pouco depois das duas da madrugada, que o Dr. António Christo expirou, serenamente, às palavras da extrema-unção, dando exemplo de rara coragem aos que lhe assistiam no amargo transe.

Recordamo-lo aqui por dever que transcende o particularismo da imperecível dor de familiares que trabalham no **Litoral**: a pena de António Christo serviu tão dedicadamente e tão desinteressadamente esta folha, que o silêncio sobre a infausta efeméride poderia alguém julgá-lo soberbia excessiva de quem não se compraz em ver o seu nome e o dos seus na letra de forma destas colunas.

Aqui traremos, a seu tempo, — e quanto mais tardias mais actualizadas e consolidadas serão — as palavras com que muitos teimam em homenagear António Christo: deliberadamente as queremos dar à estampa quando o tempo lhes possa ser rigoroso filtro — concedendo-lhes indiscutível medida. Até lá, a singela evocação a que o calendário nos concita poderá estimular, no crente, um «Deus o guarde!»; e, em todos, o reconhecimento desta verdade: António Christo muito mereceu dos homens — e alguns homens houve que tudo fizeram para nunca o merecerem.

Ex.mo Sr.